

FRANCISCA CRUZ SARAIVA

**SERVIÇOS GERAIS E TRABALHO DOMÉSTICO: A PARTICIPAÇÃO
MASCULINA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de “Magister Scientiae”.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2000

FRANCISCA CRUZ SARAIVA

**SERVIÇOS GERAIS E TRABALHO DOMÉSTICO: A PARTICIPAÇÃO
MASCULINA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de “Magister Scientiae”.

APROVADA: 15 de dezembro de 2000.

Prof^a Célia Chaves Gurgel do Amaral
(Conselheira)

Prof^a Marília Fernandes Maciel Gomes

Prof^a Nerina Aires Coelho Marques

Prof^a Rita de Cássia Lanes Ribeiro

Prof^a Maria Izabel Vieira Botelho
(Orientadora)

AGRADECIMENTO

A Deus por superar todas as dificuldades encontradas no decorrer deste estudo.

À Universidade Federal de Viçosa em especial ao Departamento de Economia Doméstica, pela oportunidade de realização deste trabalho.

À Maria Izabel Vieira Botelho, pela dedicação, pelo empenho e pela amizade.

À Célia Chaves Gurgel do Amaral, pela paciência pela disponibilidade e co-orientação no decorrer deste estudo.

A Azuete Fogaça pelo carinho, dedicação e pelo empenho e amizade pela co-orientação.

Às professoras Nerina Aires Coelho Marques, Rita de Cássia Lanes Ribeiro, e Marília Fernandes Maciel Gomes, membros da banca examinadora, pela colaboração dispensada à melhoria deste estudo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudo concedida.

Às empresas PARASERVIS e CONSERVI, pela acessibilidade, pela atenção para a realização deste estudo.

Aos homens trabalhadores das empresas PARASERVIS e CONSERVI, pelo respeito e colaboração.

A toda minha família em especial ao Pedro, Irismar e Lídia Patrícia pela força, apoio e incentivo nesta minha jornada.

A todo corpo docente do curso de Mestrado em Economia Doméstica e ao pessoal de apoio, especialmente a Aloísia, pelo empenho e colaboração.

Às colegas Alessandra, Áurea, Juny, Kátia, Rita, Rosilene e Luciana, pela amizade e convívio.

À Consuelo, Clarisse, Selma, Ana Sued, Simone, Lorena e Danilsa, pela amizade, incentivo e pela força.

Ao Eraldo, pela amizade e colaboração.

A todos que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

BIOGRAFIA

FRANCISCA CRUZ SARAIVA, filha de Francisco Cruz e Maria Iracy Saraiva Cruz, nasceu em Barbalha-CE.

Realizou o Curso de Graduação em Economia Doméstica na Universidade Federal do Ceará, concluindo em junho de 1995.

Ingressou no Curso de Mestrado em Economia Doméstica – Economia Familiar, no Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, em 1998, concluindo em dezembro 2000.

Foi Coordenadora e Instrutora de Cursos de Capacitação de profissionais do trabalho doméstico em 1997.

É membro do (GEE) Grupo de Estudo em Ergonomia para o Trabalho Doméstico e Doméstico Coletivizado.

ÍNDICE

	Página
RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Justificativa	3
1.2. Objetivos	8
1.2.1. Objetivos geral	8
1.2.2. Objetivos específicos	8
2. REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1. A crise no mercado de trabalho e a inserção de mão-de-obra masculina	10
2.2. O trabalho doméstico	17
2.3. Gênero e masculinidade	23
3. METODOLOGIA	26
3.1. População e amostra	26
3.2. Coleta de dados	27
3.3. Procedimento estatístico	28
3.4. Descrição das variáveis	28
3.4.1. Perfil dos trabalhadores	28
3.4.2. Dados profissionais	28
3.4.3. Perfil da família	29
3.4.4. Perfil da mulher	29
3.4.5. Percepção do trabalho/comportamento doméstico	29
4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	31
4.1. Perfil dos trabalhadores	31
4.1.1. Idade	31

4.1.2. Escolaridade	32
4.1.3. Salário	33
4.2. Dados profissionais	33
4.2.1 Local de trabalho, tempo na empresa e na atividade de limpeza	33
4.2.2. Atividade exercida atualmente	34
4.2.3. Qualificação ou treinamento profissional	35
4.2.4. Outro tipo de emprego	36
4.3. Perfil familiar	36
4.3.1. Número de filhos por família	36
4.3.2. Escolaridade dos filhos	37
4.3.3. Renda familiar dos trabalhadores	38
4.4. Perfil da mulher	39
4.4.1. Idade	39
4.4.2. Escolaridade da mulher	40
4.4.3. Ocupação da mulher	41
4.4.4. Atividade realizada fora de casa	42
4.4.5. Salário	42
4.5. Informações relativas às atividades profissionais	43
4.5.1. Influência para trabalhar na empresa e na atividade de serviços gerais	43
4.5.2. Realização das tarefas	44
4.5.3. Nível de satisfação	45
4.5.4. Conjunto de tarefas	46
4.5.5. Semelhança entre o trabalho doméstico e serviços gerais	47
4.6. Informações relativas às atividades domésticas	48
4.6.1. Razão de gostar ou não gostar do trabalho doméstico realizado para a família em casa	48
4.6.2. Fatores motivadores à realização do trabalho doméstico	50
4.6.3. Trabalho doméstico realizado em casa	50
4.6.4. Experiência em trabalho doméstico realizado em casa	51
4.6.5. Opinião dos entrevistados sobre a execução do trabalho realizado na empresa	52
4.7. Divisão do trabalho doméstico	52
4.7.1. Frequência com que são realizadas as tarefas domésticas	54
5. CONCLUSÕES	60
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXO	68

RESUMO

SARAIVA, Francisca Cruz. M.S., Universidade Federal de Viçosa, dezembro 2000. **Serviços gerais e trabalho doméstico: a participação masculina.** Orientadora: Maria Izabel Vieira Botelho. Conselheiras: Azuete Fogaça e Célia Chaves Gurgel do Amaral.

Vários estudos têm enfatizado a divisão sexual do trabalho doméstico, a relação família-trabalho interligando, assim, as esferas produtiva e reprodutiva. Entretanto, esses estudos não têm refletido a respeito das novas ocupações desempenhadas pelos homens no processo de reestruturação da atividade produtiva. Ou seja, permanece a ausência de análise sobre o significado e as implicações de atividades domésticas, tipicamente femininas, realizadas por homens então no chamado Setor de Serviços. Este estudo tem como objetivos verificar a influência do exercício de tarefas femininas por trabalhadores do sexo masculino, especialmente no que se refere às suas percepções sobre o trabalho doméstico, no seu comportamento no âmbito familiar a partir de sua experiência profissional em empresas prestadoras de serviços em Fortaleza-CE. Os dados foram obtidos por meio de entrevista semi-aberta e de um questionário. A análise foi feita com base nessa entrevista e a partir dos dados distribuídos em frequência simples. Em relação às possíveis alterações em seu comportamento no tocante ao trabalho doméstico, percebeu-se, que, apesar de realizarem praticamente as mesmas tarefas nas empresas, eles

permanecem pouco participantes no trabalho exigido em suas casas. Reconhecem que realizam nas empresas um tipo de trabalho semelhante ao trabalho doméstico, valorizando-o enquanto uma atividade geradora de renda. Para eles, trata-se de um trabalho qualquer e com garantias trabalhistas que não são cumpridas em outras atividades do setor informal.

ABSTRACT

SARAIVA, Francisca Cruz. M.S. Universidade Federal de Viçosa, december 2000. **Genery service end domestic work: the masculine participation.** Adviser: Maria Izabel Vieira Botelho. Committee Members: Azuete Fogaça e Célia Chaves Gurgel do Amaral.

Several studies have been explaining the sexual division of the work, the relation family work interligando, kike this, the productive and reproductive spheres. However, toses studies have not been contemplating regarding the new occupations carried out by the men in the process of restructuring of the productive activity. That is to say, the analysis absence stays about the meaning and the implications of domestic activities, typically feminine, accomplished then by men in called him Section of Services. This study has as objectives to verify the influence of the exercise of feminine tasks for workers of the masculine sex, especially in the he/she refers to its perceptions on the domestic work, in its behavior in the family ambit starting from its professional experience in the companies prestadoras of services in Fortaleza-CE. The date were obtained by means of half-open interview and of a questionnaire. The analysis was made with base in that interview and stating from the date distributed in simple frequency. In relation to the possible alterations in its behavior concerning the domestic work, it was noticed, that, in spite of they accomplish the same tasks praticaly in the companies, they stay very participants in the work demanded at its houses. The recognize that they accomplish in the companies a work similar to the domestic work, valuing it while a generating activity of income. For them, it is a work and with warranties labours that are executed in another activities of the informal section.

1. INTRODUÇÃO

A divisão sexual do trabalho faz parte da diferenciação dos papéis sociais e, apesar de apresentar variações, existe comprovadamente em todas as sociedades humanas conhecidas. Na contemporaneidade, tal divisão nada teria de questionável se a sociedade e/ou a cultura atribuíssem o mesmo valor às tarefas e aos papéis definidos para ambos os sexos. Entretanto, ao dividir, organizar e classificar os sexos, a sociedade e sua cultura hierarquizam os espaços de atuação da mulher e do homem, positivando o masculino e negativando o feminino. Isto é fato facilmente observável nas instâncias da produção, considerado espaço tipicamente masculino, e da reprodução, considerado espaço tipicamente feminino.

O estudo do trabalho feminino tem sido revelador da arbitrariedade cultural presente nos binômios feminino/reprodução e masculino/produção. Atividades masculinas são definidoras do poder legitimado socialmente e continuam unidas e hierarquicamente melhor posicionadas, o que pode ser comprovado pelo fato de os cargos de chefia serem exercidos, na maioria esmagadora dos casos, por homens, além de se observar que, também na maioria das empresas, mesmo quando as mulheres desempenham funções iguais as dos homens recebem salários menores.

Outro dado importante a considerar, no que se refere à diferenciação masculino/feminino é que, apesar de ter assumido atividades remuneradas

no espaço público, a mulher continua responsável pelas atividades domésticas e, de modo geral, como elemento secundário no âmbito das atividades produtivas.

As relações de trabalho doméstico se configuram como algo ideologicamente construído na sociedade, através da percepção de mundo, das pessoas que desvalorizam as atividades da esfera privada na medida em que as consideram como não produtivas, desconhecem seu papel decisivo para a própria manutenção/continuidade da classe trabalhadora. É na construção social do sexo na esfera privada que são determinados os lugares masculinos e femininos na sociedade.

Segundo Bruschini & Ridenti (1994), a divisão sexual do trabalho, que opõe o masculino ao feminino, é uma construção sócio-cultural que define esferas de atividades específicas para homens e mulheres. Entretanto, as transformações sociais podem tornar os papéis tradicionais do homem, de provedor único da família, e o da mulher, dona de casa exclusivamente, igualmente opressiva para ambos nas situações em que as novas condições impostas pelas exigências da vida moderna dificultam o cumprimento daqueles papéis.

Tradicionalmente, os estudos sobre famílias, em especial nas áreas de Sociologia, Antropologia e História, revelam como a sociedade tem dado aos homens, o status de “chefe”, “cabeça da família” e seu provedor. A sociedade ainda não considera possível a plena participação masculina no cuidado com os filhos ou em outras atividades domésticas. São novos os estudos sobre os papéis masculinos no cuidado com as crianças no trabalho doméstico em geral e, até mesmo, sobre os próprios homens.

É bem verdade que os estudos sobre a condição feminina avançaram, inegavelmente, no que diz respeito à percepção das causas do lugar subordinado ocupado pelas mulheres na divisão sexual do trabalho e à necessidade de buscar sua superação na intersecção dos espaços produtivo e reprodutivo. Contudo, poucos têm sido aqueles que procuram desvendar o interior do espaço doméstico, procurando ver de que forma se dá aquela subordinação, através do exame pormenorizado da distribuição das responsabilidades entre os sexos e as gerações, em situações concretas e em segmentos sociais diversificados (Bruschini, 1990).

As pesquisas sobre a família quase sempre enfocam estudos relativos sobre as mulheres e só bem recentemente incluem informações sobre o papel dos homens, seus conhecimentos e suas práticas no cotidiano familiar. Em Amaral (1997), encontra-se uma preocupação com as relações familiares no cotidiano doméstico na visão dos adolescentes, meninos e meninas, no que se refere aos aspectos do trabalho doméstico.

O movimento de mulheres segundo Garcia (1998) vem se manifestando sobre a importância de trabalhos que avaliem criticamente o comportamento sexual e reprodutivo dos homens. Da mesma forma, uma das preocupações da agenda da Conferência Internacional sobre a Saúde da Mulher, ocorrida em setembro de 1995, foi a inclusão de homens em programas educacionais e de aconselhamento sobre a atitude reprodutiva sexual.

Ridenti (1998) questiona o que estaria então motivando, na atualidade, um maior enfoque do envolvimento masculino em questões como reprodução, paternidade e sexualidade. A seu ver, esse interesse estaria relacionado à constatação de que a compreensão e o conhecimento das práticas masculinas podem contribuir para melhorar os resultados de programas voltados para a saúde das crianças, para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e para as questões de planejamento familiar.

No entanto, este campo continua sendo pouco pesquisado, no que diz respeito à resposta masculina aos assuntos relativos à esfera reprodutiva e às mudanças contemporâneas nas relações familiares.

1.1. Justificativa

Atenta às transformações sociais, às relações familiares e às crescentes modificações do mundo do trabalho este estudo apresenta uma nova face da “condição masculina”. Identificado com o mundo da produção, o homem vem se adaptando às novas formas de trabalho no espaço público, quando atua no setor de serviços.

A crescente participação masculina em atividades de serviços gerais prestados por empresa, tais como faxina, arrumação de ambiente, lavagem de roupa e outras similares, mudam o perfil do trabalhador homem. Com as crises econômicas brasileiras que, freqüentemente, eliminam postos de trabalho nos setores primários e secundários, pode-se dizer que os homens vêm buscando novas perspectivas de empregos ofertados no setor terciário e, principalmente, no setor de serviços.

Historicamente, os homens têm sido os provedores do lar e as mulheres responsáveis pela organização da vida familiar, de todas as atividades que se dão no âmbito privado da família – o trabalho doméstico, tal como a preparação de alimentos, conservação da casa, o cuidado e a socialização das crianças. Entretanto, as conseqüências da retração da atividade produtiva têm provocado alterações nas relações sociais domésticas tornando menos nítida a separação de papéis por sexo. A mulher está inserida no mercado de trabalho, não só como alternativa mas por necessidade de realização profissional e pessoal. Muitos homens, na sociedade urbana industrializada, participam cada vez mais dos trabalhos domésticos. Tanto os homens quanto as mulheres, portanto, tiveram que reformular e, ou, acumular seus papéis tradicionais com suas atribuições no mundo do trabalho economicamente ativo. Mas, o que pensam os homens quando seu trabalho na esfera social é semelhante o da esfera das necessidades?

Montali (1998) faz alusão à constituição teórica da relação família-trabalho e da divisão sexual do trabalho como elo de ligação entre as esferas produtiva e reprodutiva, o que constitui uma importante referência teórica para esta análise. Dessa perspectiva, é importante reter o aspecto do momento conjuntural da economia, das transformações porque passa a família e também as características da relação homem mulher predominante na sociedade urbana industrializada e que definem tanto as atribuições de ambos na família quanto os valores e as representações acerca de sua inserção no mercado de trabalho.

Mudanças decorrentes na economia, com equipamentos tecnificados e com o fenômeno da globalização, verificou-se grandes transformações nos arranjos familiares como: a expressiva queda dos níveis

de fecundidade, o crescimento das separações, crescimento das famílias nucleares e chefes de família sem cônjuge, quer seja masculinos ou femininos sendo que em maior número os femininos, verificando-se ainda o aumento de domicílios unipessoais.

Em consequência do que vem acontecendo na economia o emprego masculino decresceu em massa, obrigando boa parte dos homens a trabalharem em atividades que até então eram consideradas atividades femininas. Dessa forma, a impossibilidade concreta do padrão de família mantida pelo chefe provedor, pode impulsionar ou favorecer transformações nas relações de gênero, tanto no âmbito familiar como no âmbito do trabalho e na sociedade como um todo.

No que se refere à família brasileira, segundo Goldani (1994) e Montali (1998), no início dos anos de 1990, houve uma acentuada redução no tamanho e uma maior diversificação nos arranjos domésticos e familiares. Os arranjos de maior crescimento nos últimos anos foram de adultos vivendo sós e de famílias monoparentais, ou seja, mulheres, e, ou, homens chefes de famílias com especial predomínio do crescimento desta situação entre as mulheres. A complexidade da vida familiar aumentou devido ao incremento no número de famílias reconstituídas, resultado do aumento nas taxas de separação, divórcio e recasamento. O crescimento das famílias chefiadas por mulheres, reflete não apenas a transição demográfica e as alterações dos padrões de nupcialidade, mas um conjunto complexo de fenômenos, com destaque para a articulação entre estruturas produtivas e estruturas familiares.

Neste sentido, merecem menção as transformações da família que estão relacionadas aos novos papéis que a mulher vem assumindo na sociedade e à mudança de expectativas em relação a ela. Estas mudanças têm a ver com as posições conquistadas pela mulher no mercado de trabalho e com as oportunidades crescentes de absorção de mão-de-obra feminina, dada a sexualização das ocupações. Mas esta sexualização estaria caminhando apenas no sentido do feminino para o masculino? Estaria havendo algum tipo de migração de mão-de-obra masculina para o setor tido como femininos? Como isso tem ocorrido?

No Brasil, a crise econômica da década de 1990, segundo Pochmann (1998), se caracterizou, dentre outros aspectos, pela adoção de políticas econômicas recessivas que diminuíram, significativamente, a oferta de empregos, reduzindo os postos de trabalho, principalmente na indústria. Com isso, estreitaram-se os espaços ocupacionais tipicamente masculinos, ao mesmo tempo em que se elevaram os requisitos de qualificação para os postos de trabalho que foram mantidos. Assim, além do desemprego crônico, que sempre foi uma marca da economia brasileira, ampliou-se o desemprego conjuntural aumentando, inclusive, os períodos entre a demissão e a obtenção de um novo emprego.

Uma das características destas mudanças econômicas que marcam o final deste século, diz respeito ao setor de serviços, com conseqüente ampliação da oferta de empregos. Este setor envolve desde os chamados serviços “altamente tecnificados”, que abrangem, por exemplo, atividades de consultoria e assistência técnica a empresas que utilizam tecnologias avançadas, até os serviços simplificados, que abrangem atividades simples e rotineiras. É no setor de serviços que boa parte dos trabalhadores demitidos da indústria vêm encontrando alguma forma de se manter no mercado formal de trabalho, ainda que em atividades absolutamente diferenciadas daquelas que exerciam anteriormente.

As empresas prestadoras de Serviços de Faxina, Conservação, Limpeza, têm como atividade básica de manutenção e higiene em ambientes públicos, desenvolvem tarefas semelhantes às do trabalho doméstico, não só pela própria natureza dessas tarefas, mas também, pela forma como elas devem ser executadas. Evitando desperdícios de material de limpeza, manuseando, conservando e guardando adequadamente os equipamentos e os utensílios de limpeza, usando o corpo adequadamente na execução das atividades com a finalidade de evitar cansaço físico e mental e, finalmente, elaborando roteiros para execução.

Este estudo, portanto, procurou analisar, sob o ponto de vista de homens que trabalham em Empresas de Limpeza e Conservação, como esses se sentem ao realizarem um trabalho cujas características se assemelham ao trabalho doméstico.

A importância deste estudo se revela pelo objeto de análise: o homem e sua percepção quanto às atividades histórica e tradicionalmente tidas como femininas, o do trabalho doméstico, agora estendido ao espaço público pelos braços masculinos. Face às situações em que, profissionalmente, têm que assumir tarefas consideradas exclusivamente do espaço da reprodução e, portanto, consideradas “femininas”, questiona-se como estes trabalhadores se percebem na sua prática profissional e no seu cotidiano doméstico.

Assim, o estudo foi realizado com homens cujas ocupações envolvem tarefas/atividades típicas do “trabalho doméstico” com os seguintes objetivos: a) identificar sua percepção de trabalho doméstico e de trabalho profissional; b) analisar seu nível de satisfação neste trabalho e, c) verificar se o desempenho destas tarefas modifica ou influencia seu comportamento no âmbito familiar, tornando-os mais participativos no que se refere à divisão do trabalho doméstico.

Dentro desta análise, a hipótese principal, é que os homens trabalhadores de Empresas de Conservação e Higiene na cidade de Fortaleza, e executando atividades características do trabalho doméstico, são mais propensos às mudanças de comportamento no ambiente doméstico, redefinindo tarefas tradicionalmente delegadas às mulheres e superando, assim, a divisão sexual do trabalho, com uma participação maior nessas tarefas.

Neste sentido, este estudo buscou investigar a relação entre o desempenho deste tipo de atividade e a concepção de trabalho doméstico a partir da visão de homens que trabalham nessas empresas prestadoras de serviços, procurando saber como estes homens lidam com esta relação, se reconhecem atividades de faxina, limpeza e conservação como atividades que podem ser exercidas por homens, não só no ambiente profissional, como também em sua casa.

Portanto, este estudo foi norteado pela hipótese de que o exercício de tarefas “femininas” por trabalhadores do sexo masculino, os levaria a se envolver com o trabalho doméstico.

Para o desenvolvimento do estudo, inicialmente, foi feito o levantamento das empresas prestadoras de serviços na cidade de Fortaleza

cujas atividades se assemelhavam àquelas do trabalho doméstico, tais como, faxina, arrumação de ambientes, lavagem de roupas. Dentre estas empresas, identificou-se para o estudo aquelas que, além de mulheres, empregavam homens. Definidas as empresas, foi delineado o perfil socioeconômico e familiar desses trabalhadores. Em seguida, foram tomadas as informações necessárias à identificação do comportamento daqueles trabalhadores no âmbito do trabalho doméstico familiar e suas relações com sua atuação no campo profissional.

Dadas às informações acerca do desempenho no trabalho na empresa e o envolvimento dos trabalhadores no cotidiano doméstico e familiar, foram analisadas as percepções que estes trabalhadores têm do trabalho que desenvolvem e as percepções que têm de trabalho doméstico.

O estudo está apresentado da seguinte forma: 1. A introdução, 2. Referencial teórico que trata especificamente dos seguintes aspectos: a) as características estruturais e da crise no mercado de trabalho brasileiro e a inserção da mão-de-obra masculina; b) as abordagens teóricas sobre o trabalho doméstico e, c) o debate atual sobre as questões de gênero e masculinidade. 3. A metodologia adotada na realização do estudo, e finalmente 4. Conclusões deste estudo.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo geral

O objetivo geral que norteou a presente pesquisa foi verificar a influência do exercício de tarefas “femininas” por trabalhadores do sexo masculino, especialmente no que se refere às suas percepções sobre o trabalho doméstico e ao seu comportamento no ambiente familiar, a partir de sua experiência profissional em Empresas de Limpeza e Conservação de Fortaleza.

1.2.2. Objetivos específicos

Especificamente pretendeu-se,

- Delinear o perfil sócio econômico e familiar dos trabalhadores empregados em Empresas de Limpeza e Conservação de Fortaleza, responsáveis por tarefas tais como faxina, arrumação de ambiente, lavagem de roupa e outras similares;
- Identificar o comportamento do homem no âmbito do trabalho doméstico familiar e suas relações com sua atuação no campo profissional;
- Analisar as percepções que estes trabalhadores têm do trabalho que desenvolvem;
- Analisar as percepções que estes homens têm de trabalho doméstico

2. REVISÃO DE LITERATURA

O problema proposto para o estudo coloca em pauta o debate entre a economia em relação ao trabalho produtivo e ao trabalho reprodutivo. Assim, na relação entre a macroeconomia e as mudanças nas relações de trabalho no mundo da produção desvendam as crises e conseqüências da inserção ocupacional dos homens.

Por outro lado, é possível acompanhar como as atividades nas classes ocupacionais no setor de serviços para onde migram a mão-de-obra masculina, tem características da esfera das necessidades, ou seja, se assemelham ao trabalho doméstico. Neste sentido é importante refletir sobre estes três aspectos: a inserção da mão-de-obra masculina no mercado de trabalho com uma economia em crise, as relações de trabalho doméstico e, finalmente, gênero e masculinidade.

2.1. A Crise no mercado de trabalho e a inserção de mão-de-obra masculina

O mercado de trabalho brasileiro vem passando por grandes mudanças, principalmente depois da abertura comercial realizada na década de 1990. O fenômeno da globalização da economia mundial e a nova revolução tecnológica provocaram várias mudanças na estrutura ocupacional, mudanças estas que incluem tanto a obsolescência de alguns ofícios tradicionais quanto o surgimento de novas ocupações.

Segundo Pochmann (1998), nesse cenário do mercado mundial e da informatização da produção, uma característica importante da mudança na estrutura da ocupação diz respeito à perda de participação relativa das ocupações industriais. O setor terciário, mesmo de forma indireta, vem absorvendo, de forma significativa, as ocupações profissionais por meio da terceirização dos serviços. Assim, em lugar de contratar mão-de-obra, os empresários contratam os serviços que tanto podem ser feitos na própria empresa, indústria, como na casa do trabalhador ou trabalhadora.

No caso brasileiro este é um dado problemático, já que a política econômica adotada desde o início dos anos de 1990, ao privilegiar a busca da estabilidade da moeda e o pagamento da dívida externa, tomou um caráter recessivo, provocando a estagnação e, ou, a diminuição da produção industrial.

Portanto, o setor terciário tende a ter condições pouco favoráveis para ampliar, por exemplo, a demanda por profissionais das ocupações superiores e mais qualificadas e em caráter mais permanentes. Por outro lado, a expansão registrada tende a ocorrer nos serviços tradicionais e de baixa qualificação – comércio, por exemplo – que configuram os maus empregos porque oferecem rendas instáveis.

O setor de serviço no Ceará cresceu de 180.331 ocupações em 1998 para 181.917 ocupações, em 1999 segundo (Fundação João Pinheiro, 2000). Em se tratando de Fortaleza, este setor cresceu de 149.053 ocupações para 151.024 ocupações, nos respectivos anos, mas ainda não é significativo se comparado com os outros estados como Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. As consequências mais frequentes, nesse contexto, são a utilização de trabalhadores qualificados em ocupações com menor nível de escolaridade e de qualificação profissional. Este fenômeno é resultante do acirramento da competição no mercado de trabalho e da marginalização dos trabalhadores com baixa qualificação. As mulheres têm encontrado no trabalho temporário e com horários flexíveis uma brecha para ingressar no mercado de trabalho.

Conforme Salm, citado por Pochmann (1998), o fato de as ocupações estarem sendo preenchidas por trabalhadores com maior qualificação, em detrimento daqueles com menor qualificação, deve-se muito

mais à existência de força-de-trabalho escolarizada desempregada do que ao aumento da oferta de empregos de alta qualificação. Afirma o autor que, o Brasil, mesmo sem apresentar uma estrutura ocupacional semelhante à das economias avançadas, passou a registrar, a partir de 1990, novas tendências nas ocupações profissionais, como resultado do seu processo de reconversão econômica. Com a passagem da dinâmica industrial centrada no mercado interno para a inserção competitiva na economia mundial, o país passou a conviver, pela primeira vez, desde os anos de 1930, com perda absoluta e relativa de postos de trabalho na indústria de manufatura. Entre as décadas de 1980 e 1990, por exemplo, a economia brasileira perdeu próxima a 1,5 milhões de empregos no setor de manufatura. O processo de modernização da economia do país, notadamente nos setores da indústria e de serviços ocorreu, também, às custas do desemprego em massa.

Em relação ao setor industrial como um todo, que envolve, além do setor de manufatura, a construção civil, Pochmann (1998) verificou, ainda, uma redução absoluta dos empregos. Essa perda somente não foi maior porque as ocupações no setor da construção civil contrabalançaram, em parte, a destruição dos empregos nas empresas de manufatura. Nesse contexto, qualquer comparação internacional com a estrutura ocupacional brasileira necessita considerar as distintas bases de evolução do desenvolvimento industrial, inicialmente sustentada pelo setor de manufaturas e, recentemente, pelo atual processo de inserção competitiva externa.

Uma vez identificado o recente movimento de redução do emprego no setor industrial brasileiro, Pochmann (1998), também, procura analisar em que medida o setor terciário tem expandido seus postos de trabalho, já que o setor primário (agropecuário) vem, desde os anos de 1930, reduzindo a sua participação na ocupação total. Reconhecendo que o setor terciário tende a ser muito heterogêneo e que as definições conceituais existentes a seu respeito nem sempre permitem uma real identificação acerca do seu comportamento, o autor optou pela utilização de uma *tipologia*

especialmente desenvolvida para analisar as variações ocupacionais urbanas no segmento não-industrial.¹

A adoção da categoria analítica de serviços e de suas respectivas classes reelaboradas por Pochmann (1998), possibilita uma distinção mais adequada, das mudanças na composição e evolução ocupacional, bem como uma melhor interpretação acerca das novas tendências das categorias ocupacionais decorrentes do processo brasileiro de reconversão econômica nos anos 1990. Para isso, a categoria de serviço foi dividida por ele em 4 classes ocupacionais:

- (i) *distribuição*, como responsável principalmente pelas ocupações em comunicação, transporte e comércio;
- (ii) *produção*, como o segmento moderno da sociedade pós-industrial, envolvendo as ocupações de atendimento dos insumos e serviços diretos à produção (indústrias);
- (iii) *social*, como responsável pelas ocupações de atendimento ao consumo coletivo, como educação, segurança e saúde; e
- (iv) *pessoal*, representada pelas ocupações de atendimento ao consumo individual, como lazer, alimentos e embelezamento.

Pochmann (1998) indica que a transposição dessa tipologia para as economias avançadas permite perceber que a queda na participação relativa dos empregos no setor industrial e da agropecuária tem sido contrabalançada, em parte, pela diversidade de ocupações no setor de serviços.

Segundo o mesmo autor, para os países de economia avançada como Alemanha, Estados Unidos e Japão, entre as décadas de 1970 e 1990, por exemplo, as atividades na classe ocupacional de *produção* aumentaram, em média, 50% a sua participação relativa na estrutura ocupacional, indicando novas oportunidades ocupacionais associadas às mudanças do paradigma técnico-produtivo. As demais classes de serviço – *distribuição*, *social* e *pessoal* que podem ser consideradas tradicionais na

¹ A literatura pesquisada por POCHMANN que serviu de base para o acompanhamento da evolução das ocupações nos setores urbanos não industrial pode ser encontrada em: Singelmann, 1978; Castells & Aoyama, 1994.

estrutura de ocupações das economias avançadas - apresentaram comportamentos recentes não muito diferenciados entre si (Pochmann, 1998,16).

Historicamente, o setor de serviços, como um todo, tem apresentado na economia brasileira um inchamento, influenciado pelo efeito drástico êxodo rural causado pela má distribuição de terra e desemprego na agricultura, combinado com a geração insuficiente de empregos no setor industrial em relação ao universo de trabalhadores disponíveis no mercado de trabalho urbano. Em função disso, segundo Pochmann (1998) as alternativas de ocupação e renda no meio urbano terminaram sendo direcionadas para o chamado setor informal, que tem abrigado parcelas expressivas de trabalhadores nas ocupações de serviços, sobretudo na classe de *distribuição* (comércio, comunicações e transportes). As demais classes de serviços apresentavam peso relativamente menor na estrutura de ocupação no Brasil, bem inferior ao das economias avançadas. Os serviços identificados na classe ocupacional como *social* que, em países como a Alemanha e os Estados Unidos, absorvem cerca de 25% dos empregos existentes, representam no Brasil menos de 15% do total das ocupações. Assim, na década de 1990, os serviços passaram a absorver mais postos de trabalho, sem compensar, entretanto, a destruição dos empregos verificada, tanto no campo quanto na indústria.

Atualmente, o aumento do desemprego aberto reflete justamente a incapacidade da economia brasileira em gerar expressivos postos de trabalho, não obstante o setor de serviços continua absorvendo uma parte dos trabalhadores que anualmente, ingressam no mercado de trabalho e que, são demitidos dos setores industrial e agropecuário. A classe de serviços que aumentou fundamentalmente a sua participação relativa no Brasil, foi a de *distribuição*, já que o setor de serviços na classe *social* praticamente manteve sua posição relativa e as classes de *produção* e de *pessoal* regrediram relativamente. Nesse sentido, Pochmann (1998) destaca que a classe de serviços de *produção*, que já representava uma parcela relativamente pequena dos trabalhadores ocupados, passou a diminuir ainda mais o volume de empregos nos anos de 1990. Esse fato revela que a realidade nacional distancia-se muito da experiência recente dos países de

economia avançada que, ao difundirem o novo paradigma técnico-produtivo, terminaram expandindo rapidamente os serviços de *produção*.

Com as mudanças na estrutura produtiva nacional, a composição da ocupação passou a acusar a diminuição dos empregos industriais e o aumento dos postos de trabalho no setor de serviços de *distribuição*. Na classe de serviços de produção, que deveria expressar os esforços de adoção do novo paradigma técnico-produtivo, ocorreu queda na participação ocupacional. Isso parece ocorrer fundamentalmente porque o enfraquecimento do setor industrial, com a desintegração de algumas cadeias de produção, tende a inviabilizar o avanço dos serviços de produção.

A análise de Pochmann (1998) complementa o estudo anteriormente feito por SALM (1997), segundo o qual os empregos criados em comércio e serviços superaram os empregos eliminados pela indústria.

Quando se observam as características dos empregos criados, face às dos empregos perdidos, dificilmente se pode falar em “compensação”, já que os empregos criados apresentam características absolutamente diferenciadas dos empregos extintos.

Conforme se pode observar, os dados apresentados por Salm (1997) evidenciam o fato de que os postos de trabalho que mais cresceram ao longo desta década, quase dois terços do total – dizem respeito à serviços braçais não qualificados, à empregos no comércio e, o que de perto interessa a este estudo, a serviços de administração, conservação e limpeza. Se confrontadas com o grupo de ocupações que mais demitiram, também responsáveis pelos postos destruídos ao longo dos anos 1990 (Tabela 1).

Tabela 1 - Ocupações em que mais postos de trabalho foram criados- Brasil -1991/1996

Ocupações	Empregos criados
Serviços administrativos subordinados	98.064
Vendedores e empregados do comércio	269.559
Cozinheiros, garçons, barmen	88.029
Administração, conservação e limpeza de edifício	243.661
Vigias, seguranças	31.324
Braçais não classificados	410.667
Total de postos criados nessas ocupações	1.141.304

Fonte: CAGED/MTb, citado por SALM (1997)

Salm (1997) observa, ainda, que enquanto as ocupações que mais perderam espaço eram essencialmente ocupações tidas como tipicamente masculinas (ver Tabela 2). Por outro lado as novas vagas criadas dizem respeito, predominantemente, a trabalhos “femininos” ou a trabalhos que podem ser exercidos por mulheres, considerados “braçais não classificados”, o que inclusive explica a presença, nesses casos, de um número de mulheres quase equivalente ao dos homens conforme pode ser visto na Tabela anterior.

Tabela 2 - Ocupações em que mais perderam postos de trabalho - Brasil - 1991/1996

Ocupações	Empregos perdidos
Técnicos, desenhistas e tecnólogos	81.773
Mestres e contramestres	88.628
Torneiros, ferramenteiros, usinagens de metais	104.530
Ajustadores, montadores, mecânicos de máquinas	87.007
Soldadores, encanadores, chapeadores, caldeiros	51.939
Construção Civil	36.236
Operadores de máquinas fixas em indústrias de Serviços de Utilidade Pública	46.942
Condutores e veículos de transporte (marítimos, ferroviários, rodoviários)	63.747
Total de postos perdidos nessas ocupações	561.802

Fonte: CAGED/MTb, citado por SALM (1997).

Por outro lado, e para o que interessa a este estudo, os dados de SALM (1997) podem estar a indicar que, boa parte dos homens despedidos ou qualificados em ocupações tipicamente “masculinas”, porque ligadas à produção industrial, podem estar sendo levados a optar por empregos no setor de serviços, tanto aqueles que podem ser exercidos por mulheres como aqueles que se caracterizariam como trabalho “feminino”, como é o caso das atividades de conservação e limpeza. Dessa forma, os homens que buscam esse tipo de atividade não consideram o trabalho que desenvolvem um trabalho feminino e exatamente por ser fora do âmbito da casa.

2.2. O trabalho doméstico

O trabalho doméstico, pela sua própria dinâmica, pela sua necessidade de execução diária e contínua e pelo tipo de rotina a que está submetido, se constitui num contínuo fazer-desfazer-fazer-desfazer que, ao final, aparece na vida dos sujeitos, que o executam, como algo quase imponderável, difícil de ser medido e de ser planejado. Na perspectiva de Silva (1989), por ser uma atividade repetitiva, rotineira e cansativa, o trabalho doméstico deveria, em princípio, ser executado entre todos que usufruem dos seus benefícios.

De acordo com (Mello 1998), o trabalho doméstico é uma responsabilidade da mulher, culturalmente definida, do ponto de vista social, como dona de casa, mãe ou esposa. Esse trabalho dirigido para as atividades de consumo familiar é um serviço pessoal para o qual cada mulher internaliza a ideologia de servir aos outros, maridos e filhos. O trabalho realizado para sua própria família é visto pela sociedade como uma situação natural, pois não tem remuneração e é condicionado por relações afetivas entre a mulher e os demais membros familiares. É um trabalho fora do mercado.

Na visão de Sarti (1983), o trabalho doméstico aparece como uma noção dinâmica, redefinida a partir da ação do conjunto das instituições reprodutivas e destas com a produção. Longe de ver o trabalho doméstico

como uma atividade pré-capitalista, como querem alguns, que tende a desaparecer com o desenvolvimento da produção capitalista, a autora aponta, ao contrário, para uma constante redefinição do seu conteúdo, diretamente ligado às mudanças no papel desempenhado socialmente pela mulher. Segundo a mesma autora, pode-se dizer que diferentes linhas de interpretação convergiram para o tema do trabalho doméstico, tentando analisar essa produção não-mercantil no contexto do capitalismo.

Como se pode observar, a questão específica do trabalho doméstico tem sido analisada sob vários aspectos. Um deles é o estudo sobre “orçamento tempo” que com a contagem do número de horas de tarefas caseiras realizadas pela dona de casa, destaca utilizando uma abordagem descritiva e quantitativa o valor deste trabalho. A preocupação de alguns economicistas com valor monetário do trabalho doméstico produziu estimativas que mostraram quanto este trabalho contribuiu para a economia nacional. Um dos primeiros estudos foi o de Galbraith (1973) estimando seu alto valor em dólares para o trabalho de uma dona de casa norte americana.

Na América Latina, esse estudo veio também contribuir para a visibilidade e importância econômica do trabalho doméstico, ao quantificar as atividades reprodutivas das mulheres em tempo e salário (Cebotarev, 1984). No Brasil, apesar do avanço das pesquisas sobre a mulher, são raros os estudos que usaram essa metodologia. O trabalho pioneiro de Figueredo (1980), mostrou que somando as atividades remuneradas e não remuneradas das mulheres obtinha-se uma média de trabalho semanal de 95 horas para cada mulher trabalhadora.

Os estudos sobre a família incluem o trabalho doméstico pela análise da sua função econômica. Na maioria das análises, englobando a discussão teórica sobre o trabalho doméstico nas décadas de 1970 e 1980, giravam em torno de sua funcionalidade para o capital, ao mesmo tempo em que era questionada: sua produtividade ou não, a reprodução de valores de uso ou de troca e a sua função na produção capitalista. A discussão era ampliada em torno da socialização das tarefas, do desaparecimento do trabalho doméstico e sua substituição por equipamentos, e com a socialização do trabalho doméstico, por uma expectativa de um segmento do movimento feminista. Sarti (1983) ressalta que qualquer discussão sobre o

trabalho doméstico não pode ser desvinculada da discussão sobre os rumos da família e enquanto instituição reprodutiva.

Reforçando essa perspectiva, Ramos e Soares (1995), pesquisadoras na área da Sociologia do Trabalho, em sua análise do trabalho feminino, ressaltam a importância dessa atividade, diretamente relacionada à não participação da mulher no mercado de trabalho ou à sua participação diferenciada, responsável ainda pelo que ficou conhecido como “dupla jornada de trabalho”. Ao analisarem o desenvolvimento econômico brasileiro, as autoras destacam que, na realidade, tem-se avaliado a eficiência com que são alocados os recursos produtivos da sociedade, tanto em termos quantitativos como qualitativos, visando o bem-estar das pessoas. Enfatizam também que, dentre os fatores determinantes da capacidade produtiva da sociedade, está a mão-de-obra, seja ela masculina ou feminina.

Sarti (1983) analisa o trabalho doméstico a partir dos critérios, que definem o trabalho no mercado, não considerando um fator fundamental: as leis que regulam o mercado são as leis da troca, que inexistem nas relações familiares, em função de quem desenvolve o trabalho doméstico. As atividades pertinentes ao trabalho doméstico - lavar, passar, cozinhar, limpar, dentre outras – permitem identificá-las com esse mesmo trabalho quando remunerado, o emprego doméstico. Afinal, são atividades idênticas, que envolvem igual esforço físico e resultam em produtos iguais. A produção doméstica é considerada como geradora de valor de uso. Chega-se, então, a cogitar a possibilidade de calcular o valor do trabalho doméstico, socialmente dado pelo tempo dispendido nessas tarefas.

A questão que, então, se coloca pode ser resumida da seguinte forma: se a existência das pessoas implica numa série de cuidados tais como alimentação, vestuário, higiene, dentre outros, por que apenas as mulheres têm sido responsáveis por eles? Se as atividades domésticas são serviços necessários à reprodução social, todos deveriam deles se encarregar. Se cada indivíduo adulto se responsabilizasse pelos cuidados necessários à sua própria sobrevivência, providenciados no âmbito doméstico, dentro dos padrões das sociedades em que vivem, esses

serviços passariam a ser individualizados e perderiam seu caráter de trabalho gratuito, como um trabalho feito para os outros.

É evidente que, na individualização das tarefas domésticas, os cuidados demandados pelas crianças constituem uma questão essencial, cuja solução exigiria um estudo particular. Em princípio, não fôra a tradicional divisão sexual do trabalho, o cuidado com as crianças implicaria numa repartição igualitária de responsabilidade entre homens e mulheres adultos, no âmbito doméstico; bem como, a existência de uma maior oferta de instituições públicas que delas também se encarregassem, tais como creches, pré-escolas ou outras instituições de educação infantil.

Não é necessariamente, como aborda Sarti (1983), ou seja, não é a atividade profissional da mulher, que explica ou justifica a participação do homem no trabalho doméstico. É comum que as pessoas da família ajudem, de alguma maneira, a mulher nas tarefas da casa, mesmo que ela não trabalhe fora. Assim, quando se discute a questão do trabalho doméstico e sua identificação como tarefa feminina, não quer dizer que os homens dele não participem. Esta é uma participação qualitativamente diferente da participação feminina. A participação do homem no trabalho doméstico acompanha, de certa maneira, a divisão sexual do trabalho. Há um tipo de trabalho dentro de casa, que é essencialmente masculino, extensão de sua responsabilidade como a construção da casa, por exemplo. Os consertos de encanamento ou da parte elétrica, assim como as reformas em geral, são designadas aos homens da família. São trabalhos que exigem uma qualificação mais próxima do mundo profissional. Ao contrário do que afirma Sarti (1983) que trabalho doméstico também é um trabalho que exige qualificação, treinamento, planejamento das atividades que vão ser executadas, obtendo assim um produto final de qualidade não só para quem recebe o serviço como também para quem o faz.

Não são poucos os estudos que têm mostrado a universalidade e a persistência de uma divisão sexual do trabalho, que atribui aos homens as atividades de caráter produtivo, geradoras de renda e desenvolvidas no espaço público, e às mulheres as tarefas reprodutivas, por elas entendendo-se tanto os cuidados como o bem estar físico e emocional dos membros da

família – incluindo alimentação, limpeza, vestuário, higiene pessoal e saúde física e mental quanto à própria moradia e a criação dos filhos.

Bock e Duden (1984), declaram que o trabalho doméstico, tal como hoje o conhecemos, é de origem relativamente recente, surgindo nos séculos XVII – XVIII, com a emergência do capitalismo, e se desenvolvendo em diferentes épocas, em diferentes países e regiões, no período após a Revolução Industrial. A ocupação e o trabalho doméstico para a subsistência e para a permuta de gêneros alimentícios ou em dinheiro estavam econômica e espacialmente integrados, não existindo nenhuma separação entre ambos, pois não havia nenhuma separação entre produção e consumo e, deste modo, nenhuma unidade doméstica separada sob o manejo da mulher. A noção de trabalho produtivo excluiu as mulheres, ao mesmo tempo em que a ideologia burguesa de felicidade doméstica privada prevaleceu. O trabalho doméstico destinado à mulher passou a ser considerado como manifestação de amor, ou seja, “trabalho de amor”, não “trabalho por dinheiro”. O trabalho doméstico ficou, a partir daí, escondido atrás da noção de “amor”, enquanto “trabalho” passou a significar apenas aquele que permitisse o ganho de salário fora de casa com características predominantemente masculinas.

De acordo com Bruschini (1990) e Sarti (1983), com o advento do capitalismo, as transformações ocorridas provocaram uma ruptura na integração econômica e espacial de vida familiar. Isto ocasionou o surgimento de duas esferas distintas: de um lado, a unidade doméstica, do outro a unidade de produção. Dessa fragmentação resultou uma divisão sexual mais rígida do que a que predominava anteriormente. À mulher coube principalmente a realização das tarefas relativas à manutenção da unidade doméstica e ao homem o trabalho produtivo, realizado fora do espaço doméstico, em troca de alguma forma de remuneração. A ideologia se encarregou do resto, transformando essa rígida divisão sexual do trabalho em uma divisão “natural”, própria à biologia de cada sexo. A mistificação do papel de esposa, de mãe, caracterizou-se mais facilmente na medida em que a casa e a família passaram a significar a mesma coisa, apesar de não o serem, já que a casa é uma unidade material de produção e consumo,

enquanto que a família é um grupo de pessoas ligadas por laços afetivos de consangüinidade ou não e de dependência econômica.

A “correspondência” entre a vida doméstica e a vida em família pode, no caso das mulheres, legitimar a naturalidade do trabalho doméstico como se ele fosse um trabalho para a família e não um trabalho de casa, um trabalho que já é social.

Doméstico significa o espaço da casa, isto é, espaço próprio da esfera privada, portanto, de interesse restrito da unidade doméstica ou familiar, pois, a esfera privada ou o mundo doméstico constitui a outra face ou o complemento da esfera do mundo público, já que a idéia do privado só se completa com a idéia do público. Se a unidade doméstica constitui a esfera privada da sociedade, é porque existiria uma outra que seria a pública. Essas esferas constituem idealização de categorias construídas por pessoas para explicar, reivindicar e justificar propósitos diversos. Elas representam os diferentes espaços, não separados, mas entremeados, da sociedade pelos quais, as pessoas membros de família, transitam em virtude dos múltiplos papéis que desempenham na sociedade (Marques & Cebotarev, 1994, 119).

Se até o início do século XVIII, na sociedade urbana burguesa do Brasil era clara a separação dos espaços casa e rua, as relações destes espaços mostravam uma divisão sexualizada. Para o homem a rua, para a mulher, a casa. No entanto, ao se fazer uma leitura deste momento histórico, observa-se também, uma clara distinção destes espaços sob o recorte de classe social: as mulheres de classes populares estavam na rua, trabalhando em pequenas fábricas, comércio ambulante, lojas, teatro de revista ou como prostitutas². Para as mulheres de classe alta, a educação requintada em escolas especializadas na educação feminina, as levaria aos salões de uma elite econômica e política da época.

As transformações econômicas, políticas e sociais nos séculos seguintes vão forçar a ocupação do espaço público, compreendido com o mundo da produção, por homens e mulheres de todas as classes sociais.

² A este respeito ver, por exemplo, o trabalho de Laura Melo e Souza. MELO & SOUZA, Laura de. Os desclassificados do ouro: a pobreza no século XVIII. RJ, graal, 1986.

A democratização do sistema educacional a educação tanto para homens e mulheres e mais recentemente o movimento feminista podem ser reconhecidos como fatos determinantes para uma mudança nas relações sociais e redefinições dos papéis de homens e mulheres.

Diversas funções nos setores produtivos da economia deixaram de ser exclusiva dos homens. Acredita-se que esta é uma época em que setores da economia adquirem novos perfis exigindo dos trabalhadores atributos que não são inerentes aos homens, como por exemplo, na montagem de equipamentos onde os pequenos músculos são exigidos uma função para o qual as mulheres são melhores treinadas.

Mas será que existiriam funções da esfera privada em que os homens teriam afinidade?

2.3. Gênero e masculinidade

Gênero é um dos mais importantes princípios organizadores da nossa sociedade. O trabalho das feministas trouxe à tona a centralidade desse princípio na vida de homens e de mulheres. A antropologia feminista vem examinando a masculinidade através das culturas, enfatizando as variações de comportamentos e atributos associados ao que é ser homem. A masculinidade, assim como a feminilidade, é construída socialmente, é histórica e relacional. Garcia (1998), explicita que há uma diversidade de tipos de masculinidades, que correspondem a diferentes inserções dos homens na estrutura social, política, econômica e cultural e a trajetória de estágios diferentes de seu ciclo vital. E que relações entre gênero, poder, hierarquia e reciprocidade, permeiam os encontros sexuais e as relações entre homens e mulheres, dando forma e dinâmica às práticas sexuais e reprodutivas.

Ainda para a autora, ao longo dos últimos 20 anos, os modelos essencialistas de pensamento social têm sido desafiados por abordagens que apontam para a importância do contexto histórico e cultural no entendimento das questões da sexualidade. A partir de um novo enfoque – construtivismo social – a questão da sexualidade é percebida por meio de significados culturais e das relações de poder que a constroem. Por outro

lado, segundo Badinter (1993), se a masculinidade se ensina e se constrói, não há dúvida de que ela pode mudar. O que se construiu pode, portanto, ser desconstruído para ser novamente construído.

Em meados dos anos de 1970, os primeiros trabalhos sobre homens e masculinidade foram diretamente influenciados pelas críticas feministas e por explicações tradicionais sobre as diferenças de gênero. A maioria dos estudos sobre identidade masculina tinha seu foco na sexualidade. Nos termos de Garcia (1998), “segundo os cientistas sociais, a sexualidade é menos um produto do impulso biológico e mais um produto dos significados vinculados a esses desejos ou impulsos e que variam no tempo, através das culturas, e dos diferentes grupos sociais no interior de uma mesma cultura. Seres sexuais e reprodutivos são construídos socialmente, sendo gênero a principal dimensão dessa construção e os significados construídos ao sexo e à reprodução – muitas vezes por força de crença – diferentes para homens e mulheres”.

Ao tentar analisar o homem no trabalho de serviços gerais em empresas de Conservação e Asseio, viu-se que a percepção que estes homens têm do trabalho doméstico realizado por homens e por mulheres são semelhantes entre si, mas com uma ressalva de que seus trabalhos são considerados um trabalho que gera renda.

Scott (1988) define gênero como uma categoria analítica que pressupõe o processo de construção social das diferenças sexuais e de percepção do modo como são construídos referenciais do que se concebe como masculino, contribuindo para desmistificá-los, enquanto categorias naturais e imutáveis. Para Marques & Cebotarev (1994), gênero é uma interpretação cultural das diferenças entre a mulher e o homem. Constituíra o suporte para esse aspecto os estudos de Page, (1994), em que o autor declara que as diferenças biológicas são marcas tradicionais de tarefas classificadas como "próprias do homem ou da mulher". Afirma ainda que, apesar de tal diferenciação ser considerada nas sociedades avançadas, trabalhos recentes acusam a persistência da dicotomia..

Em seu trabalho, Almeida (1996), enfatiza a investigação dos significados que estão envolvidos em temas como masculinidade e feminilidade. Embora não desconsidere as identidades biológicas dos

indivíduos, o autor apresenta o conceito de gênero como uma noção fluída e situacional, bem como negociável, cujo direcionamento se dá através de interações sociais diárias, diretamente ligadas às relações de poder e, portanto, como tais, acessíveis a homens e mulheres, podendo ser apreendida tanto como processo quanto como prática social.

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi o estudo de caso, que é uma técnica que permite estudar em profundidade e por certo período de tempo, um indivíduo, uma família e um evento. Trata-se de uma estratégia de pesquisa especialmente recomendada para investigação de problemas relacionados ao “como” e “por que” dos eventos complexos da vida real, sobre os quais o pesquisador tem pouco ou nenhum controle (Touliatos & Compton, 1988).

3.1. População e amostra

Para atingir o objetivo, estipulou-se uma amostra composta por homens casados ou vivendo em situação similar. A escolha por homens casados se deu pelo fato de que, participando de uma relação familiar construída por eles, estes poderiam se sentir mais envolvidos com este tipo de cotidiano doméstico. Estes homens deveriam ser empregados em uma Empresa de Conservação e Manutenção de Limpeza.

A amostra foi constituída por 100 homens residentes na Região Metropolitana de Fortaleza, capital do Ceará, localizada na zona litoral Norte da região Nordeste. Para tanto, fez-se um levantamento das empresas Conservação e Manutenção de Limpeza existentes naquela cidade, obtendo um número de 66 empresas que contratam mão de obra masculina para

realizar atividades de serviços gerais, tais como limpeza e conservação de ambientes públicos e particulares, como condomínios residenciais.

Dentre essas, optou-se por duas delas, que tinham um maior número de homens empregados. A empresa PARASERVIS conta com 80 homens sendo que dos 80 – 63 são casados e 17 solteiros e a empresa CONSERVI conta com um número de 45 homens - 37 casados e 8 solteiros. As duas empresas perfazem um total de 100 homens casados que constituíram a amostra do trabalho. Foram excluídos os solteiros, uma vez que, os mesmos não atendiam às expectativas dos objetivos pretendidos.

3.2. Coleta de dados

Para identificar o perfil dos trabalhadores, as percepções sobre o trabalho doméstico e seu comportamento no âmbito familiar e de trabalho, os dados foram coletados por meio de entrevista semifechada através de questionários previamente testados.

O primeiro passo foi entrar em contato com as duas empresas para saber se nelas alocavam homens em serviços gerais a fim de intermediar a entrevista pretendida. Estabelecida essa ponte de comunicação, um primeiro encontro foi marcado com a gerente ocupacional das empresas para apresentação do projeto de pesquisa para que viabilizasse a realização desta.

Foi apresentada aos trabalhadores uma breve informação sobre a intenção do estudo e obteve-se o consentimento deles. Ao contrário do que se imaginava, nenhum deles se manifestou insatisfeito para tal, mesmo porque foi esclarecido que a entrevista seria voluntária.

As entrevistas foram realizadas individualmente nos locais onde os mesmos prestam serviços. Entrevistou-se cada trabalhador individualmente, a fim de evitar algum tipo de inibição ou influência de terceiros nas respostas.

A pedido do chefe do setor as entrevistas foram realizadas no horário das refeições com o objetivo de não atrapalhar o serviço destes trabalhadores, pois os mesmos tinham horários a serem cumpridos.

Previamente foi solicitada autorização do responsável pelo setor e marcado o dia para realização das entrevistas.

3.3. Procedimento estatístico

Para efetuar as análises dos dados, utilizou-se a análise descritiva como frequência simples através do programa Sistema para Análises de Dados Estatísticos – SAEG.

3.4. Descrição das Variáveis

3.4.1 Perfil dos trabalhadores

- ◆ **Idade** – medida em número de anos;
- ◆ **Status conjugal/Estado civil** – previamente definida como casado ou vivendo situação similar;
- ◆ **Escolaridade** – última série freqüentada ou nível de estudo concluído no momento da pesquisa;
- ◆ **Salário** – medido pelo salário mínimo.

3.4.2 Dados profissionais – esta variável demandou as seguintes questões: Que atividade exerce atualmente? Quanto tempo está nesta atividade? Tem alguma qualificação, qual? Teve outros empregos anteriores a este? Sim/Não, Qual?

3.4.3 Perfil da família

- **Número de filhos** –filhos residentes no domicílio;
- **Escolaridade dos filhos** – última série freqüentada ou nível de estudo concluído;
- **Renda familiar** – medida através de salário mínimo.

3.4.4 Perfil da mulher

- **Idade da mulher** – medida em anos.
- **Escolaridade da mulher** – última série freqüentada ou nível de estudo concluído;
- **Exercício de atividade profissional** (sim/não);
- **Salário da mulher** – medido e classificado em termos do valor do salário mínimo.

3.4.5. Percepção do trabalho/comportamento doméstico

- **Motivos e influências encontrados pelos homens para trabalhar na Firma** – a caracterização de alguns aspectos relacionados aos motivos e influências, foi analisada de forma objetiva e subjetiva, por meio de questões abertas e fechadas, tais como: Que motivos o levaram a aceitar/procurar este emprego? Teve alguma influência para trabalhar neste tipo de atividade? Como se sente desenvolvendo estas atividades?
- **Identificação de tarefas realizadas pelos sujeitos no trabalho e em casa** – a avaliação foi realizada por meio de perguntas sobre as atividades desenvolvidas no âmbito de trabalho fora de casa e no âmbito doméstico;
- **Percepção dos sujeitos quanto ao trabalho doméstico** – a visualização desta variável comportou questões tais como: Qual sua percepção de trabalho doméstico? Como você se vê realizando o trabalho doméstico?
- **Nível de satisfação com relação ao trabalho que exerce** – a caracterização desta variável foi elaborada mediante a listagem de

atividades que desenvolve na empresa e ainda da informação do nível de satisfação que se encontra.

- **Distribuição ou divisão das atividades domésticas** – a avaliação desta variável foi por meio do questionamento quanto à existência e a divisão de tarefas em casa.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados coletados foram organizados da seguinte forma: dados relativos ao perfil dos trabalhadores (idade, estado civil, escolaridade e salário); dados profissionais (local de trabalho, tempo na firma, tempo na atividade de limpeza, atividade exercida atualmente, qualificação/treinamento profissional e outro tipo de emprego); perfil da família (número de filhos, escolaridade dos filhos e renda familiar), perfil da mulher/esposa (idade, escolaridade, atividade profissional e salário) e informações relativas às atividades profissionais (percepção do trabalho/comportamento doméstico).

4.1. Perfil dos trabalhadores

4.1.1. Idade

Os dados mostraram que os trabalhadores se encontravam em uma faixa etária de 18 a 50 anos. Contudo, visualiza-se uma maior concentração entre 21 e 30 anos, ou seja, cerca de (44%) do total dos trabalhadores se concentram nessa faixa pertencendo assim à fase do ciclo de vida denominada fase de “formação”, caracterizada pelo nascimento do maior número de filhos. Segundo Montali (1990), período em que os filhos estão

ainda pequenos requerem uma maior atenção dos pais, especialmente da mãe. Ao contrário do que mostrou nesta pesquisa, os homens tinham pouca participação na vida cotidiana de seus filhos. Salienta-se que o que mais se envolveram foi nas tarefas escolares. Reconhece-se que cuidar dos filhos, nestes casos, ainda é marcado por atribuições de gênero. Percebe-se que a concentração dos trabalhadores nas faixas etárias 21 a 40 anos, totalizando 82% da amostra, implica na absorção da mão-de-obra no momento em que esta se encontra no ápice de seu vigor físico. A partir de 41 anos, reduz-se substancialmente a porcentagem de trabalhadores contratados. (Tabela 1).

Tabela 1 - Frequência dos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço por faixa etária em Fortaleza – CE 2000

Faixa Etária	%
De 18 a 20 anos	3,0
De 21 a 30	44,0
De 31 a 40	38,0
De 41 a 50	12,0
Mais de 50	3,0

Fonte: Dados da pesquisa

4.1.2. Escolaridade

Por se tratar de trabalhadores que exercem atividades que erroneamente se conhece que exigiriam pouca qualificação, a pesquisa mostrou que, parte significativa de trabalhadores que buscam este emprego e que além de não completarem o ensino fundamental vieram de outros lugares interrompendo assim seus estudos conforme Tabela 2. Verificou-se entre estes, uma maior concentração daqueles com o ensino fundamental incompleto (77%). Esses dados indicam que geralmente as pessoas que se ocupam nessas atividades têm pouca formação escolar e, mesmo assim sua remuneração não é considerada baixa, até porque os trabalhadores recebem um salário mínimo e vale refeições.

Tabela 2 - Frequência dos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço por nível de escolaridade em Fortaleza – CE 2000

Nível de escolaridade	%
Analfabeto/sem escolaridade	7,0
Fundamental incompleto	77,0
Fundamental completo	6,0
Médio incompleto	6,0
Médio completo	4,0
Superior incompleto	-
Superior completo	-

Fonte: Dados da pesquisa

4.1.3. Salário

Em relação ao salário todos eles recebiam no momento da pesquisa um salário mínimo vigente, ou seja, R\$ 151,00. (Cento e cinquenta e um reais) salário estipulado pela empresa.

4.2. Dados profissionais

4.2.1. Local de trabalho, tempo na empresa e na atividade de limpeza

Os trabalhadores das duas empresas estudadas encontravam-se com um tempo de permanência na empresa, até o momento da pesquisa, de um a dez anos de serviço. Contudo, a maior concentração de tempo de serviço destes trabalhadores refere-se ao período de um ano, ou seja, cerca de 38% dos trabalhadores estão nessa faixa e apenas 1% encontrava-se há mais de dez anos. Observou-se que não houve migração de mão-de-obra do setor industrial para o setor de serviços. A maioria destes trabalhadores já havia trabalhado neste tipo de serviço. Há mais de 20 anos que existe este tipo de trabalho em Fortaleza. Por outro lado, 42% dos trabalhadores realizavam a atividade por um período de dois a cinco anos, não importando o tempo de permanência na empresa. O pouco tempo de permanência na empresa se deve ao fato de que eles consideravam esse tipo de emprego como temporário, enquanto procuravam uma outra atividade mais valorizada em termos de remuneração e status. Quanto ao tempo de permanência na

atividade que eles desenvolviam, não dependia do tempo em que foi contratado ou do tempo de permanência no emprego e sim pelo tempo de atividade que realizavam (Tabela 3).

Tabela 3 - Frequência dos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço por tempo na firma e tempo de permanência atividade em Fortaleza – CE 2000

Número de anos	Tempo de trabalho na empresa (%)	Tempo na atividade (%)
Até 1 ano	38,0	26,0
De 1 a 2 anos	24,0	21,0
De 2 a 5	31,0	42,0
De 5 a 10	6,0	9,0
Mais de 10	1,0	2,0

Fonte: Dados da pesquisa

4.2.2. Atividade exercida atualmente

Todos os trabalhadores entrevistados se encarregavam de uma atividade, mas não especificaram a mesma, afirmando que além de todos os serviços referentes à limpeza, também realizavam outros trabalhos que surgiam, decorrentes de necessidades pontuais. Dessa forma, as prestadoras de serviços não estipulavam, previamente, todas as tarefas a serem realizadas. Os trabalhadores preenchiam demandas diversas, mas todas profissionalmente sem uma qualificação apropriada, ou seja, as pessoas que delas se ocupavam não passaram por nenhum treinamento específico anterior.

Isto não implica que as atividades domésticas não necessitem de uma aprendizagem própria. O trabalho doméstico por ser um trabalho aparentemente desvalorizado requer uma aprendizagem, uma qualificação, pois para que as tarefas sejam executadas necessitam de um planejamento prévio, uma organização a fim de possibilitar um produto final de qualidade tanto para quem fazem como para que recebe.

Segundo depoimento da Gerente Ocupacional e Psicóloga da empresa os trabalhadores tinham seus registros em suas carteiras profissionais como zelador e que esta atividade está incluída nos serviços gerais que são chamados de serviços de produção. As empresas designam serviços gerais como sendo as atividades de zelador, copeiro, jardineiro, vigia contínuo.

4.2.3. Qualificação ou treinamento profissional

Em relação à preparação da mão-de-obra da Empresa, os dados mostraram que a expressiva maioria dos trabalhadores, cerca de 73% não recebeu nenhum tipo de treinamento. Em decorrência disto, segundo os trabalhadores, eles encontravam dificuldades para realizar determinadas tarefas. Dessa forma, estes trabalhadores deveriam receber um treinamento prévio, possibilitando assim um trabalho mais fácil para executá-lo. Por sua vez, 27% fizeram o curso de como evitar desperdícios de material, oferecido pela empresa. Apesar de não se ter dados para aprofundar o porque desse tipo de treinamento, pode-se pressupor que este seja um item de maior peso na planilha de custo da empresa. Dessa forma, os treinamentos enfatizam a racionalização do uso dos produtos de limpeza.

Ademais, percebeu-se em decorrência da falta de treinamento, uma desvalorização do trabalho que realizam, o qual é bastante similar ao trabalho doméstico, feito por alguns membros da família de forma repetitiva e diária. Os homens, pouco participantes desse trabalho doméstico, e sem treinamento, o realizam de qualquer forma nas empresas prestadoras de serviços gerais. Aparentemente, presume-se que, para este trabalho não há especificidades que requeiram treinamentos especializados. Por serem originários do cotidiano doméstico são naturalizados e considerados corriqueiros e para todos que tenham uma casa, não havendo neste trabalho valor algum, que mereça reconhecimento econômico ou social. Todos são aptos a desenvolvê-lo, inclusive o homem que, mesmo sem realizá-lo em suas casas, o fazem nas empresas pelo fato de já terem as noções básicas

necessárias ao seu desempenho. Entretanto, tais noções são, no bojo da nossa sociedade, consideradas desqualificadas e, portanto, desvalorizadas.

4.2.4. Outro tipo de emprego

Quando se perguntou se eles tiveram outro emprego anterior a este, 70% responderam que sim. Entre os demais, 30% responderam afirmando ser este o seu primeiro emprego de carteira assinada, pois, até então, a ocupação no mercado informal era sem nenhuma garantia trabalhista.

Vale ressaltar que a maioria dos trabalhadores vindos de outras empresas trabalhava na mesma atividade, ou seja, na atividade de limpeza e que o restante deles advinham de outros setores como o industrial, construção civil, comércio e demais setores. O que se pode observar é que não houve migração de setores como afirma (Pochmann 1998).

Esse primeiro emprego com carteira assinada, ainda que as atividades ou responsabilidades não comportariam as expectativas, os desejos, tem uma importância muito grande pela possibilidade de segurança e outros direitos trabalhistas.

4.3. Perfil familiar

4.3.1. Número de filhos por família

O tamanho médio das famílias dos trabalhadores entrevistados era de 2,1 filhos. A média foi calculada excluindo os 30% das famílias que não têm filhos. Caso fosse calculada entrando o número de famílias que não têm filhos a média passaria a 1,5. Dos 70% restante, que têm filhos, cerca de 49% dessas famílias têm entre um e dois filhos. Os dados demonstram, pelo número de filhos, uma mudança no perfil da família, contrastando-o com as do passado, quando as famílias eram, geralmente, possuidoras de numerosos filhos. Este resultado está consistente com aqueles apresentados por Goldani (1994), sinalizando que houve mudança no tamanho da família em razão de as mulheres estarem adiando, cada vez

mais, o momento de terem os seus filhos, devido à sua inserção no mercado de trabalho e a crise econômica em que se encontra o país.

Neste estudo, verificou-se uma menor prevalência de famílias que tinham entre quatro e cinco filhos morando em casa, ou seja, 7%. Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra a Domicílio PNAD de 1999, o tamanho médio da família vem declinando lentamente influenciado, principalmente, pela diminuição progressiva do número médio de filhos por mulher. No Nordeste, essa diminuição tem sido, se comparada a outros estados do Sul e Sudeste, menos significativa.

Tabela 4 – Freqüência dos trabalhadores por número de filhos de Empresas Prestadoras de Serviços em Fortaleza – CE 2000

Número de filhos	%
Um a dois filhos	49,0
Três filhos	14,0
Quatro filhos	5,0
Cinco filhos	2,0
Sem filhos	30,0

Fonte: Dados da pesquisa

4.3.2. Escolaridade dos filhos

Quanto ao nível de instrução dos filhos, observou-se que estes estavam cursando o ensino fundamental. Os mais novos nas séries iniciais e outros não tendo ainda concluído os estudos. Tendo em vista que cerca da metade dos homens (47%) estavam em fase inicial ou de formação do seu ciclo de vida familiar e portanto, com filhos ainda pequenos, presume-se que a escolaridade está em progresso. A escolaridade dos filhos pode ser um indicador importante apenas para aqueles 15% de pais que se situam acima de 41 anos e possível com filhos maiores inclusive com possibilidade de exercer algum ofício remunerado.

4.3.3. Renda familiar dos trabalhadores

Os dados referentes à renda familiar englobam os rendimentos de todos os membros que trabalham nas famílias. No caso específico dessas famílias, o montante de salários advinha principalmente dos adultos, ou seja, dos homens e de suas mulheres.

Os dados mostraram uma concentração dos rendimentos na faixa de um salário mínimo. Assim, tem-se 50% com uma renda mensal proveniente do salário dos homens R\$ 151,00. Os outros 50% tinham uma renda familiar mais elevada dos quais 35% percebiam de um a dois salários mínimos e 15% de 2 a 5 salários mínimos. Como todos os homens recebiam apenas 1 salário mínimo, pode-se dizer que os salários das mulheres variaram de 1 a 4 salários mínimos garantindo uma renda familiar mais elevada (Tabela 5). A participação dos salários das mulheres na renda familiar mostrou-se representativa caracterizando que na metade dos casos a família tinha 2 provedores e que em algum destes o ganho da mulher superava o do marido.

Dessa forma, pode-se dizer que as esposas que trabalhavam têm uma renda igual ou superior a dos homens. Os resultados obtidos nessa pesquisa confirmaram as informações resultantes da PNAD, citado por Moraes & Araújo (2000) na qual, os homens, em nível nacional, continuam ganhando um salário maior que as mulheres, embora se perceba uma tendência de decréscimo dessa diferença. Nesta análise tem que considerar que a maioria das mulheres não trabalhava. Das que trabalhavam, apenas 8% ganhava mais do que o marido. Possivelmente estas correspondem aquelas que têm escolaridade mais elevada do que a do marido.

Tabela 5 – Renda familiar dos trabalhadores em Fortaleza – CE 2000

Renda familiar	%
Até 1 salário mínimo	50,0
1 a 2 salários mínimos	35,0
2 a 5 salários mínimos	15,0

Fonte: Dados da pesquisa

4.4. Perfil da mulher

4.4.1. Idade

A idade dos entrevistados e de suas esposas é bastante significativa para a apreensão das diversas fases do ciclo vital.

A partir da análise da idade dos entrevistados e de suas esposas, pôde-se perceber que estas se encontravam entre 15 a 60 anos. Contudo, cerca de 48% dessas mulheres apresentavam idade entre 21 a 30 anos. Para os homens, conforme se viu na Tabela 1, a maior concentração também se encontrava na faixa etária de 21 e 30 anos. Apenas 4% das mulheres apresentaram idade entre 51 e 60 anos.

Dessa forma, pode-se dizer que, de acordo com Montali (1990), parte significativa das mulheres e dos homens encontrava-se na fase de formação. Além disso, na fase caracterizada como maturação, que inclui os casais com idade entre 35 e 49 anos, encontravam-se 20% das mulheres e 38% dos homens. Considerando-se as fases de formação e maturação, com idade até 34 anos e de 31 a 40 anos, respectivamente, tem-se 88% das mulheres e 85% dos homens, aproximadamente.

A importância de se analisar a faixa etária do casal se deve ao fato de estudos anteriores (Bruschini, 1987) terem mostrado que quando o casal está no início da vida conjugal, tem escolarização e (são jovens) é um casal jovem, há maiores possibilidades de dividir as tarefas domésticas.

Tabela 6 – Freqüência da Idade das mulheres dos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço em Fortaleza – CE 2000

Idade da mulher	%
De 15 a 20 anos	20,0
De 21 a 30	48,0
De 31 a 40	20,0
De 41 a 50	8,0
De 51 a 60	4,0

Fonte: Dados da pesquisa

4.4.2. Escolaridade da mulher

Com relação ao nível de escolaridade, 47,5% das mulheres concluíram o ensino fundamental completo, e apenas 1% apresentou o ensino superior incompleto. As mulheres com ensino fundamental completo também trabalhavam para a complementação da renda familiar. Notou-se também que 8,1% das mulheres se encontravam sem nenhuma escolarização. Segundo PNAD de 1999, a proporção de mulheres com pelo menos o segundo grau concluído ficou mais de dois pontos percentuais acima do referente à população masculina. Entretanto, a disparidade entre o nível de instrução dos dois gêneros é mais acentuada na população ocupada, pois o interesse feminino em ingressar no mercado de trabalho tende a aumentar com a elevação do seu nível educacional.

Existe um vínculo forte entre escolarização e oportunidade de emprego como explica Passos (2000) que o que faz acreditar, tendo mais escolarização, as mulheres terão maiores chances no mercado de trabalho. A mesma autora ainda afirma que esta é uma verdade não só para as mulheres. Estudos demonstram que a educação formal é um dos elementos mais poderosos, para permitir que uma pessoa evite a condição de pobreza, entretanto, devido à desigualdade de gênero as mulheres precisam ter mais anos de escolarização para entrarem no mercado de trabalho e, mesmo assim, a discriminação anula parte dos benefícios da educação formal.

No que concerne à Tabela 7, relativa ao nível de escolaridade das mulheres, pôde-se observar que as mesmas têm sua formação escolar

mais elevada que a dos homens. Por sua vez, a Tabela 8, referente à frequência das ocupações das mulheres dos trabalhadores, mostrou que 46% delas têm atividades remuneradas inseridas nos grupos 3, 4 e 5, sistematizados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE). Entre estes grupos, os que exigem um nível de escolaridade maior são os grupos 3 e 4 que congregam as ocupações de professora, recepcionista, costureira, telefonista, balconista.

Tabela 7 – Frequência do nível de escolaridade das mulheres dos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço em Fortaleza – CE 2000

Nível de escolaridade	%
Analfabeto/sem escolarização	8,1
Fundamental incompleto	29,2
Fundamental completo	47,5
Médio incompleto	7,1
Médio completo	7,1
Superior incompleto	1,0
Superior completo	-

Fonte: Dados da pesquisa

4.4.3. Ocupação da mulher

A respeito da ocupação das mulheres, observou-se que 46% delas tinham uma profissão. Assim, 12% estavam enquadradas como professora, estudante; 12% recepcionista, costureira, balconista e bordadeira e 22% como empregada doméstica, faxineira, lavadeira e passadeira. Enquanto que 54% eram donas de casa e não mantinham outras atividades.

Essas profissões foram agrupadas de acordo com as especificações da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - FIBGE. Agrupamento 3 (professora, estudante), agrupamento 4 (recepcionista, costureira, balconista, telefonista, bordadeira), agrupamento 5 (empregada Doméstica, faxineira, lavadeira, passadeira) e o agrupamento 6 (dona de casa). Verificou assim, que a ocupação das 46% que trabalhavam fora tinham uma ocupação de mais prestígio social do que a do seu marido.

Tabela 8 – Frequência das ocupações das mulheres dos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço em Fortaleza – CE 2000

Ocupação das mulheres	%
Grupo 3	12,0
Grupo 4	12,0
Grupo 5	22,0
Grupo 6	54,0

Fonte: Dados da pesquisa

4.4.4. Atividades realizadas fora de casa

Segundo os homens entrevistados, suas mulheres têm atividades remuneradas fora de casa e, a maioria delas, trabalha 8 horas por dia. Portanto, permanecem durante este período fora de casa, sem contar o tempo de deslocamento de suas casas até o trabalho.

Estes dados reafirmam o estudo de Bruschini (1990) quando ela diz que mesmo que as mulheres não tenham ocupação remunerada, trabalham e muito, pois consomem grande parte do seu tempo na produção de valores de uso e/ou na prestação de serviços na unidade doméstica. Muito embora assumam outras responsabilidades, como o trabalho produtivo fora de casa, continuam encarregadas do desempenho das tarefas da casa, o que as levam a estender o tempo dedicado ao trabalho e a ficarem sobrecarregadas com uma dupla “jornada de trabalho”.

4.4.5. Salário

Pouco mais da metade das mulheres, ou seja, 58%, não têm salário, uma vez que não desenvolvem atividade que gerem renda. Dentre as outras mulheres, ou seja, 42%, se apresentam da seguinte maneira: 27% recebem de meio a um salário mínimo; 7% até meio salário mínimo; 6% de 1 a 2 salários mínimos e 2% de 2 a 5 salários mínimos.

Mais uma vez se confirma que mesmo as mulheres com nível de escolaridade mais elevada que os homens e desempenhando funções iguais as deles continuam a receber salários mais baixos.

Tabela 9 – Salário das mulheres dos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviços em Fortaleza – CE 2000

Salário da mulher	%
Não tem rendimentos	58,0
Até 1/3 salário mínimo	7,0
De 1/3 a 1 salário mínimo	27,0
De 1 a 2 salários mínimos	6,0
De 2 a 5 salários mínimos	2,0
De 5 a 10 salários mínimos	-
Mais de 10 salários mínimos	-

Fonte: dados da pesquisa

4.5. Informações relativas às atividades profissionais

4.5.1. Influência para trabalhar na empresa e na atividade serviços gerais

No que se refere à influência recebida para procurarem este tipo de trabalho, dos 100 homens entrevistados, 49%, responderam que o motivo principal que influenciou na decisão foi a necessidade de um trabalho com registro em carteira. Para eles isso dá maior segurança, maior estabilidade no emprego e possibilita obter a aposentadoria futura. O segundo motivo alegado pelos entrevistados na procura e obtenção deste tipo de emprego deveu-se ao fato de ser as prestadoras de serviços de limpeza aquelas que mais absorvem o tipo de mão-de-obra desqualificada, para os setores mais modernos da economia que exigem escolaridade mais elevada e tecnologia (Tabela 10).

Tabela 10 – Frequência dos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço quanto à Influência para a escolha da atividade que desenvolvem em Fortaleza – CE 2000

Influência dos trabalhadores	%
Porque gosto	13,0
Tem amigos que já trabalhavam nessa área	7,0
Tem amigos que já trabalhavam nessa firma	3,0
Já desenvolvia esse tipo de trabalho em outra firma	4,0
Não sabe fazer outra coisa/não tem nenhuma qualificação	2,0
Precisava de um trabalho com carteira assinada	49,0
Não conseguiu outro tipo de emprego	22,0

Fonte: Dados da pesquisa

4.5.2. Realização das tarefas

Conforme se observou na Tabela 11, 75% dos trabalhadores em empresas prestadoras de serviços admitem realizar suas atividades com muita facilidade. Apenas 5% manifestaram muita dificuldade em realizar as tarefas exigidas nestas empresas. Vale chamar a atenção para o fato de que a maioria, ou seja, 73% dos trabalhadores não recebiam nenhum tipo de treinamento ao ingressarem neste setor de serviços. Apesar disso, não encontravam dificuldades para exercer suas atividades em seus locais de trabalho.

Por se tratarem de atividades freqüentemente desempenhadas por mulheres, em suas casas, ou em outros espaços, as mesmas são desvalorizadas socialmente, pois, acredita-se, que para realizá-las necessite de pouca ou nenhuma qualificação, apesar de absorver muitas horas daqueles que as realizam. Entretanto, mesmo contando com pouca participação masculina, o trabalho doméstico é cotidianamente repetido e reproduzido, de maneira contínua, e os homens, mesmo sem fazê-lo, têm um contato permanente, quase sempre através de observação com o mesmo. O fato de 75% dizerem que fazem com muita facilidade não significa que se desempenhavam bem nesse trabalho ou que faziam com competência. Essa é a percepção que têm de seu trabalho. Sem terem tido o devido treinamento possível e não tivessem também como avaliar o

trabalho nesses aspectos da qualidade dos resultados e facilidade de execução.

Tabela 11 – Freqüência de tarefas realizadas pelos trabalhadores em Fortaleza – CE 2000

Tarefas realizadas	%
Com muita facilidade	75,0
Com alguma facilidade	13,0
Com alguma dificuldade	7,0
Com muita dificuldade	5,0

Fonte: Dados da pesquisa

4.5.3. Nível de satisfação

Com relação ao nível de satisfação na realização das tarefas, vale ressaltar que a grande maioria dos entrevistados avaliou que estavam satisfeitos e muito satisfeitos com as tarefas que desempenhavam. Entretanto, como a pesquisa foi feita em seus locais de trabalho, os mesmos, receosos de que a empresa tivesse acesso aos dados levantados, e que com isso fossem prejudicados, afirmaram que a atividade que exerciam era satisfatória, apesar de muitos deles manifestarem em outros momentos, rejeição ao trabalho que desenvolviam nestas empresas. Essa rejeição se dá pelo fato de que o trabalho doméstico tenha caráter eminentemente feminino e por ser reconhecido em termos de remuneração. A facilidade pode também está realizando ao nível de exigência e sua revisão que recebiam.

Tabela 12– Nível de satisfação dos trabalhadores em Fortaleza – CE 2000

Atividades	Muito satisfeito	Satisfeito	Pouco Satisfeito	Insatisfeito
Limpar banheiro	22,7	66,0	10,1	1,2
Varrer	24,4	67,8	5,6	2,2
Passar pano	18,0	71,8	7,7	2,5
Espanar teto	33,0	60,0	7,0	-
Aspirar carpete	21,4	78,6	-	-
Encerar	14,8	77,8	3,7	3,7
Tirar pó dos móveis	30,0	63,3	6,7	-
Limpar vidraças	19,3	67,8	6,5	6,4
Recolher lixo	11,8	70,6	11,8	5,8

Fonte: Dados da pesquisa

4.5.4. Conjunto de tarefas

Do total dos trabalhadores que afirmaram gostar das tarefas que realizam, pode-se dizer que a maneira como desempenham as atividades, ou o gostar ou não das mesmas, está diretamente vinculada ao fato de ser o trabalho, indiferentemente das suas especificidades, a sua sobrevivência e de seus familiares. Dessa forma, para estes trabalhadores, ter garantia de um trabalho, é a condição básica de sustentação familiar que recai sobre os homens, chefes de família. Para aqueles que afirmaram gostar do trabalho, ou seja, 89,9%, percebe-se que desde que tenham garantia de trabalho, pouca importância tem a atividade em si. Desse restante apenas 25,2% preferiam estar em outra atividade. Os dados chamam atenção também para o fato de que apenas 1% não gosta da atividade por ser ela tipicamente feminina.

Tabela 13 – Justificativa quanto às tarefas realizadas pelos trabalhadores em Fortaleza – CE 2000

Justificativa quanto às tarefas realizadas	%
Gosta do trabalho que faz porque é um trabalho como outro qualquer	28,3
Gosta do trabalho que faz, mas preferia estar em outro tipo de atividade	25,2
Gosta do trabalho que faz porque é ele que garante sua sobrevivência e da família	36,4
Não gosta muito do trabalho que faz, mas não pode ficar sem emprego	8,1
Não gosta muito do trabalho que faz porque é muito cansativo	1,0
Não gosta muito do trabalho que faz porque é serviço de mulher	1,0

Fonte: Dados da pesquisa

4.5.5. Semelhança entre o trabalho doméstico e de serviços gerais

Nas Empresas Prestadoras de Serviços as atividades são classificadas como serviços gerais. Elas incluem a limpeza de teto, parede e piso, carpete, lavação de banheiros, dentre outras e guardam muitas similaridades com aquelas incluídas no trabalho doméstico.

Algumas tarefas diferenciam-se principalmente pelo fato de que o primeiro é realizado no âmbito da casa e para a família e o segundo é realizado em um espaço social seja instituição empresa. Essas diferenças estão em não cuidar de crianças, em não lavar, em não passar roupa e em não cozinhar. Mesmo que não desenvolvam este tipo de atividade nas empresas. Talvez possa existir empresas que contratem homens só para realizarem este tipo de serviço. Na opinião dos trabalhadores entrevistados, 89,5% não há nenhuma diferença do trabalho que fazem, com aquele que é realizado no espaço doméstico. Já 8,4% acham que este serviço é feito para a mulher porque a mesma leva mais jeito e tem mais habilidade e 2,1% apontam como diferença apenas o local da realização das tarefas.

Quando inquiridos sobre em que consiste a diferença do trabalho doméstico com o de serviços gerais, mais da metade dos trabalhadores respondeu que a diferença restringe-se ao aspecto de ter que ser feito na empresa e não em casa. Confirmando a idéia colocada anteriormente de que a similaridade está nas tarefas, mas não o trabalho. Pois a tarefa está

dissociada de quem o faz enquanto que o trabalho não (59%) e, além disso, consideram que o que é feito na empresa é uma obrigatoriedade, ao passo que em sua casa não o é e só o fazem se quiserem e quando puderem. Outros opinaram que a diferença está em não lavar e passar roupa (23,5%), não cozinhar (13,7), não cuidar de crianças e 1,9% não sabem em que consiste a diferença.

Aqui, a pesquisadora ao questionar os trabalhadores como eles se sentem realizando tarefas iguais às do trabalho doméstico, os dados revelaram que mais da metade dos trabalhadores (82,1%) não ligam nem um pouco, o importante é ter um emprego e um salário. A minoria (17,9%), se incomodava com o fato deste trabalho ser um trabalho feminino (Tabela 14).

Tabela 14 - Distribuição percentual de como os trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço se sentem realizando o trabalho doméstico em Fortaleza-CE 2000

Como os trabalhadores se sentem	%
Não liga nem um pouco o importante é ter um emprego e um salário	56,9
Não vê nenhum um problema em executar tarefas iguais às de mulher	25,2
Não gosta muito de fazer trabalho de mulher, mas precisa do emprego	1,1
Se sente meio incomodado com isso meio envergonhado diante dos amigos	3,1
Não gosta nem um pouco preferia ter um trabalho mais masculino	13,7

Fonte: Dados da pesquisa

4.6. Informações relativas às atividades domésticas

4.6.1. Razão de gostar ou não do trabalho doméstico realizado para a família em casa

Os trabalhadores entrevistados foram solicitados a responder sobre o gosto ou não na realização do trabalho doméstico, desenvolvido em casa. Dos 100 entrevistados, cerca de 73% têm gosto em executar tarefas domésticas em suas casas, principalmente no que diz respeito ao arrumar a casa, ao lavar alguma louça, ao varrer um quintal etc, mesmo que sejam

realizadas apenas nos finais de semana. Contudo, 27% não gostavam desse tipo de atividade por ser um serviço tipicamente feminino.

Dos 27% dos trabalhadores que opinaram não gostar do trabalho doméstico, as justificativas apresentadas foram as seguintes: 74,1% não realizam o trabalho porque já trabalham a semana inteira e nos finais de semana, em virtude de já fazerem o mesmo serviço, justificam as suas necessidades de descanso para recomeçar a semana; 8,7% acham que o trabalho doméstico é para a mulher, 8,7% não sabem fazer direito e, finalmente, 11,1% aproveitam final de semana para fazer outros trabalhos que garantam o aumento do orçamento doméstico (Tabela 15).

Tabela 15 – Freqüência dos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço de não gostarem de realizar o trabalho doméstico. Fortaleza-CE 2000

Não gostam	%
Porque não gosta do trabalho doméstico	7,4
Porque trabalho de casa é para a mulher	8,7
Porque não sabe fazer direito	8,7
Porque durante a semana o horário de trabalho não permite e no fim de semana tem que descansar	74,1
Porque durante a semana não dá e no fim de semana tem outras coisas (bicos) para fazer e ganhar algum dinheiro	1,1

Fonte: Dados da pesquisa

Ao contrário do trabalho obrigatório feito nas empresas, o trabalho doméstico, conforme se viu anteriormente, é tido como sendo de responsabilidade principalmente da mulher. Os homens o realizavam em função de sua disponibilidade. Neste sentido, a análise de Bruschini (1990), sobre a participação do marido nas atividades domésticas, é elucidativa quando a autora ressalta a maneira pela qual se dá a inserção dos homens no trabalho doméstico. Segundo ela, a disponibilidade dos homens pode ser maior ou menor e é determinada em decorrência de sua forma de participação nas atividades produtivas.

4.6.2. Fatores motivadores à realização do trabalho doméstico

Para os trabalhadores entrevistados, o motivo que os levam a realizar o trabalho doméstico vincula-se mais à ajuda à mulher do que propriamente o desejo, e, ou, o gosto pelas tarefas domésticas. 62,5% fazem o trabalho doméstico porque gostam de ajudar a mulher, 18,1% acham que é muito trabalho para a mulher fazer sozinha, 11,1% disseram que sua mulher trabalha fora, e 5,5% o fazem porque a mulher tem algum problema de doença (Tabela 16).

De modo geral, a ajuda do homem não ocorre de forma sistemática e regular. É mais freqüente que essa ajuda seja eventual e se confunda com sua própria disponibilidade. Ocorrendo de forma esporádica e assistemática, a ajuda não se traduz em uma divisão de todas as tarefas no espaço doméstico, entre os homens e as mulheres.

Tabela 16 – Motivos alegados pelos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço na execução das tarefas domésticas em Fortaleza–CE 2000

Motivos alegados	%
Porque gosta de ajudar a mulher	62,5
Porque é muito trabalho para a mulher fazer sozinha	18,1
Porque a mulher também trabalha fora	11,1
Porque a família é grande e todos ajudam em alguma coisa	2,8
Porque a mulher tem algum problema/alguma doença	5,5

Fonte: Dados da pesquisa

4.6.3. Trabalho doméstico realizado em casa

Das atividades no âmbito doméstico, listadas pelos trabalhadores, ocorre o predomínio da arrumação de casa com 92,9%. A justificativa para essa preferência deve-se ao fato de ser considerado um serviço mais leve e mais fácil. Apenas 7,1 não arrumam a casa; em seguida 65,8% não gostam de cozinhar por ser uma tarefa muito difícil e sem tempo para o aprendizado. 70% não fazem e não sabem arrumar cozinha; verificou-se também que na parte de cuidado com as roupas, ou seja, lavar e passar, 90% não o fazem e, finalmente, 92,9% não cuidam de crianças. Essas três últimas tarefas são

exatamente as tarefas que os trabalhadores não fazem na empresa segundo sua opinião (Tabela 17). A atividade de cuidar dos filhos é representada no imaginário social como uma função natural da mulher. De certa maneira, a maternagem se mantém atrelada a um aspecto biológico. A paternagem, em oposição, se define social e culturalmente e desvinculado do processo reprodutivo.

Tabela 17 – Tipos de trabalhos domésticos realizados pelos trabalhadores de Empresas Prestadoras de Serviço em Fortaleza–CE 2000

Tipos de trabalhos	SIM (%)	NÃO (%)
Arrumar casa	92,9	7,1
Cozinhar	34,2	65,8
Arrumar cozinha	30,0	70,0
Cuidar das roupas	10,0	90,0
Cuidar dos filhos	7,1	92,9

Fonte: dados da pesquisa

4.6.4. Experiência em trabalho doméstico realizado em casa

Ainda com base nos dados desta pesquisa, onde entrevistados faziam o trabalho doméstico mesmo antes de entrarem na empresa que estão atualmente. Contudo, cerca de 79,1%, encontrava-se nessa situação pelas seguintes razões: ajudavam a mulher no que era preciso até porque ela era sozinha, estavam desempregados e não tinham nada para fazer e, portanto, não tinham encontrado outro tipo de atividade. Conforme mencionado anteriormente, o marido quando participa do trabalho dentro de casa é, por sua vez, circunstancial, isto é, a título de ajuda ou cooperação, quase sempre de forma esporádica.

Por outro lado, uma parcela de 20,9% nunca realizou o trabalho doméstico alegando não gostar do mesmo e até mesmo por não terem disponibilidade de tempo para tal.

4.6.5. Opinião dos entrevistados sobre a execução do trabalho realizado nas empresas.

Na opinião dos trabalhadores, cerca de 51,3% sentiam-se mais à vontade em realizar as tarefas que fazem na empresa do que em suas casas. Segundo eles, a empresa os ajudou a superar a vergonha que tinham em realizar tarefas caseiras em suas casas, uma vez que o trabalho que desempenham na empresa é semelhante ao trabalho doméstico. Essa afirmação deve-se ao fato de que esses nunca haviam realizado nenhum tipo de trabalho doméstico no ambiente familiar. Por outro lado, cerca de 4,2% já haviam feito algum tipo de trabalho doméstico em suas casas antes de irem para a empresa, e por isso não têm que se sentir envergonhados, uma vez que estes trabalhadores não se vêem só como chefes de família e sim donos de casa também.

4.7. Divisão do trabalho doméstico

A divisão do trabalho doméstico entre os membros da unidade doméstica ainda é muito pequena e, além disso, poucos estudos detalham a maneira como ocorre a participação dos mesmos nesse espaço, especialmente em relação ao marido.

Observando-se a Tabela 18, percebeu-se que a participação dos trabalhadores está em todas as atividades. Porém, observa-se também que o seu envolvimento é mais evidente nas tarefas que mais gostam e aquelas que têm maior aproximação. Dentre dos 50% trabalhadores afirmaram que varriam o quintal, o que pode ser decorrente de ser essa atividade localizada na área externa da casa, aparentemente mais pública. 60% despejavam o lixo; 77% realizavam pequenos consertos na casa; 95% apanhavam água e, finalmente, 42,5% faziam pagamentos.

A partir do detalhamento das atividades domésticas percebe-se que os homens resguardam seus espaços masculinos dentro de suas casas ao realizarem apenas aquelas tarefas diretamente vinculadas ao espaço público, como os pagamentos, e aquelas que exigem habilidades ligadas a sua maior força e resistência física.

O mesmo quadro mostra também o envolvimento dos filhos, sendo que a maior participação é da filha, uma vez que esta participação

representa uma significativa ajuda nas tarefas da arrumação da casa (8%), limpeza de banheiro (5%) e limpeza da louça (6%), construindo, reforçando estereótipos de dona de casa.

Esses dados estão de acordo com os dados da pesquisa realizada por Costa, Saraiva, Ribeiro, Marques (1999), que a participação dos maridos e filhos configuram-se como cuidar dos seus próprios pertences, exceto varrer quintal, despejar o lixo, pequenos consertos na casa, como havia discutido acima. Em Amaral (1997), esta mesma situação se confirmava também entre os jovens adolescentes da classe média.

Os dados comprovaram ainda que, na realização das tarefas nas unidades domésticas, as mulheres ficam com uma maior diversidade de sobrecarga de atividades domésticas. Assim, a divisão sexual do trabalho entre os membros da família, acaba penalizando e sobrecarregando, pois estas acabam executando a maior parte das tarefas nas unidades domésticas.

Tabela 18 – Atividades realizadas no âmbito doméstico e os responsáveis por fazê-las em Fortaleza – CE 2000

Atividades	Quem faz
------------	----------

	Mulher (%)	Marido (%)	Filho (%)	Filha (%)	*Outros (%)
Arrumar casa	77,0	10,0	-	8,0	5,0
Cozinhar	85,0	10,0	1,0	1,0	4,0
Lavar roupa	92,0	3,0	-	2,0	3,0
Passar roupa	93,0	4,0	1,0	1,0	1,0
Varrer quintal	43,3	50,0	1,1	1,1	4,5
Lavar banheiro	68,0	20,0	1,0	5,0	6,0
Arrumar cozinha/lavar louça	84,0	4,0	1,0	6,0	5,0
Cuidar das crianças	79,0	6,5	-	-	14,5
Despejar lixo	25,0	60,0	15,0	-	-
Pequenos consertos na casa	15,2	77,7	2,1	-	5,0
Apanhar água	3,8	95,0	-	-	1,2
Levar/buscar criança na escola	65,3	27,0	-	-	7,7
Fazer compras	67,6	13,5	-	-	18,0
Fazer pagamento	34,3	42,5	-	-	23,2

Fonte: Dados da pesquisa

* Outros – empregada, tia, agregado

4.7.1. Frequência com que são realizadas as tarefas domésticas

Nas frequências de todas as atividades realizadas no âmbito doméstico, o marido tem presença marcante em algumas atividades como: varrer quintal (63,6%), cuja frequência variou de diariamente a raramente; despejar o lixo (73%) a periodicidade que fazem essa tarefa vai de diariamente a semanalmente, ressaltando que a periodicidade de 2 a 3 vezes por semana seria por vez os dias em que são feitas as coletas de lixo em suas residências; fazer pequenos consertos na casa (93%). Essa periodicidade está entre diariamente e raramente, onde “raramente” aparece em uma maior participação podendo ser quando surge algum defeito em uma encanção, torneira quebrada ou até mesmo um entupimento de esgoto; fazer pagamentos (75%), sua periodicidade também varia entre 2 a 3 vezes por semana a mensalmente, ressaltando que o mensalmente são feitos os pagamentos, como aluguel de casa, pagamento de luz e água. É uma participação bastante significativa, isto por serem tarefas que mais gostam de fazer. Esses resultados estão de acordo com as argumentações de Bruschini (1990) conforme discutido anteriormente. Por outro lado, o envolvimento em outras atividades como lavar roupa (3%), passar roupa

(3%), levar e buscar crianças na escola (3%), tem, como se pode ver, menor participação masculina. Supõe-se que estas atividades são as que menos gostam e mais difíceis de realizarem.

As mulheres, por sua vez, assumem a maior parte das atividades domésticas. Esses resultados estão de acordo com a apresentação de Blair & Lichter (1991) na qual a divisão do trabalho doméstico da unidade doméstica está enraizada na ideologia do papel de gênero e que as mulheres são socializadas desde cedo em suas vidas para assumir conjunto de papel feminino tradicional. Estes autores sugerem que quanto mais profundamente um ou ambos os parceiros internalizam um papel tradicional de sexo, é mais provável que a esposa seja a única responsável pelo trabalho doméstico e familiar. As Tabelas a seguir mostram a freqüência de atividades em relação às responsabilidades do homem e da mulher.

Tabela 19 – Divisão da tarefa arrumação de casa entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Freqüência	Mulher	Marido	Filha
Diariamente	64,0	1,0	7,0
2 a 3 vezes por semana	12,0	3,0	1,0
Semanalmente	5,0	6,0	-
Quinzenalmente	-	-	-
Raramente	-	1,0	-
Mensalmente	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 20 – Divisão da tarefa que cozinha entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE 2000

Freqüência	Mulher	Marido	Filha
Diariamente	75,0	2,0	1,0
2 a 3 vezes por semana	6,0	1,0	-

Semanalmente	7,0	5,0	-
Quinzenalmente	-	-	-
Raramente	-	2,0	-
Mensalmente	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 21 – Divisão da tarefa lava roupa entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Frequência	Mulher	Marido	Filha	*Outros
Diariamente	5,0	-	-	-
2 a 3 vezes por semana	38,0	1,0	1,0	-
Semanalmente	1,0	1,0	1,0	-2,0
Quinzenalmente	4,0	-	-	-
Raramente	-	1,0	-	-
Mensalmente	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

* - Outros: empregada, tia e agregado

Tabela 22 – Divisão da tarefa passa roupa entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Frequência	Mulher	Marido	Filha	*Outros
Diariamente	1,0	-	-	-
2 a 3 vezes por semana	30,0	-	1,0	1,0
Semanalmente	62,0	3,0	1,0	-
Quinzenalmente	1,0	-	-	-
Raramente	-	-	-	-
Mensalmente	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

*- Outros - empregada, tia, agregado

Tabela 23 – Divisão da tarefa varre quintal entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Frequência	Mulher	Marido	Filho	Filha
Diariamente	33,0	9,0	-	1,0
2 a 3 vezes por semana	5,5	14,0	1,0	-
Semanalmente	5,0	32,6	-	-
Quinzenalmente	1,0	2,0	-	-
Raramente	1,0	6,0	-	-
Mensalmente	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 24 – Divisão da tarefa lava banheiro entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Frequência	Mulher	Marido	Filho	Filha	*Outros
Diariamente	57,0	3,0	1,0	4,0	1,0

2 a 3 vezes por semana	1,0	4,0	-	-	-
Semanalmente	2,0	8,0	1,0	-	-
Quinzenalmente	-	3,0	-	-	-
Raramente	-	4,0	-	-	-
Mensalmente	-	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

* - outros - empregada, tia, agregado

Tabela 25 – Divisão da tarefa arruma cozinha/lava louça entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Freqüência	Mulher	Marido	Filha	*Outros
Diariamente	63,0	1,0	6,0	1,0
2 a 3 vezes por semana	8,0	1,0	-	-
Semanalmente	11,0	1,0	-	-
Quinzenalmente	-	2,0	-	-
Raramente	-	3,0	-	-
Mensalmente	-	-	-	-

Fonte: dados da pesquisa

*outros - empregada, tia, agregado

Tabela 26 – Divisão da tarefa cuida das crianças entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Freqüência	Mulher	Marido	*Ouros
Diariamente	45,0	2,0	4,0
2 a 3 vezes por semana	2,0	2,0	-
Semanalmente	4,0	1,0	-
Quinzenalmente	-	1,0	-
Raramente	-	-	-
Mensalmente	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

* - Outros - empregada, tia, agregado

Tabela 27 – Divisão da tarefa despeja o lixo entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Freqüência	Mulher	Marido	Filho
Diariamente	2,0	7,0	7,0

2 a 3 vezes por semana	14,0	50,0	2,0
Semanalmente	-	13,0	-
Quinzenalmente	-	-	-
Raramente	-	3,0	-
Mensalmente	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 28 – Divisão da tarefa pequenos consertos na casa entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Freqüência	Mulher	Marido	Filho
Diariamente	-	1,0	-
2 a 3 vezes por semana	-	4,0	1,0
Semanalmente	-	4,0	-
Quinzenalmente	1,0	7,0	-
Raramente	-	77,0	2,0
Mensalmente	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 29 – Divisão da tarefa apanha água entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Freqüência	Mulher	Marido
Diariamente	5,0	7,0
2 a 3 vezes por semana	1,0	6,0
Semanalmente	-	2,0
Quinzenalmente	-	1,0
Raramente	-	-
Mensalmente	-	-

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 30 – Divisão da tarefa leva/busca criança na escola entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Freqüência	Mulher	Marido	*Outros
Diariamente	15,0	1,0	-
2 a 3 vezes por semana	1,0	1,0	-

Semanalmente	-	-	4,0
Quinzenalmente	1,0	-	-
Raramente	-	1,0	-
Mensalmente	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa

*- outros - empregada, tia, agregado

Tabela 31 – Divisão da tarefa faz compras entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Freqüência	Mulher	Marido	*Outros
Diariamente	2,0	-	-
2 a 3 vezes por semana	4,0	1,0	-
Semanalmente	5,0	6,0	-
Quinzenalmente	26,0	11,0	-
Raramente	-	1,0	-
Mensalmente	1,0	23,0	1,0

Fonte: Dados da pesquisa

* - outros - empregada, tia, agregado

Tabela 32 – Divisão da tarefa faz pagamento entre os membros da família dos trabalhadores. Fortaleza – CE, 2000

Freqüência	Mulher	Marido	Filho
Diariamente	-	-	-
2 a 3 vezes por semana	2,0	-	-
Semanalmente	1,0	1,0	-
Quinzenalmente	4,0	8,0	-
Raramente	-	-	-
Mensalmente	13,0	66,0	1,0

Fonte: Dados da pesquisa

5. CONCLUSÕES

As transformações que estão ocorrendo no comportamento dos homens em relação ao trabalho doméstico, tanto no espaço privado como no público, estão ganhando mais espaços. Os homens já se interessam em participar, em colaborar com os afazeres domésticos e cuidar dos filhos. Eles estão deixando de ser o provedor único da família passando a ser um pouco dono de casa. Isto pode ser reflexo não só da atual conjuntura em que assola o país, deixando muitos homens fora do mercado de trabalho, mas surgindo o interesse de estarem um pouco mais dentro de casa.

De acordo com Pochmann (1998), nessa reestruturação, os setores produtivos diretamente ligados à produção diminuíram a oferta de trabalho na medida em que passaram a adotar tecnologias contentoras de mão-de-obra. Dessa forma, os trabalhadores excedentes deste setor migraram para outras atividades de outros setores. Conforme o autor, um dos setores que vem absorvendo este contingente de trabalhadores é o setor de serviços.

No caso específico dessa pesquisa, os dados coletados não possibilitaram perceber o redirecionamento apontado por Pochmann (1998). Isso porque quando inquiridos sobre os seus três últimos empregos, a incidências de atividades vinculadas ao setor de serviços, especialmente em limpeza, já era bastante significativa. Ao mesmo tempo, parte considerável da amostra é proveniente de outros setores como construção civil, metalurgia, comércio, indústria têxtil e atividades diversas ao setor de serviços.

Nesta pesquisa procurou-se identificar quem eram estes homens e se estão mudando seu comportamento, que serviços domésticos desenvolvem semelhante com seu trabalho remunerado, que conhecimentos têm do trabalho que desenvolvem, qual a percepção que têm do trabalho doméstico em relação ao seu trabalho produtivo. Esta pesquisa teve por objetivo verificar a influência do exercício das chamadas tarefas “femininas”, especialmente no que se refere às suas percepções sobre o trabalho doméstico e do seu comportamento no ambiente familiar, a partir de sua experiência profissional em Empresas de Conservação e Asseio em Fortaleza-CE.

No Brasil, o setor de serviços engloba uma enorme diversidade de atividades e dentre elas, algumas são pouco exigentes quanto ao nível de qualificação. Por se tratar de uma população, em sua grande maioria, com baixo nível de escolaridade, e, portanto de pouca qualificação, restam poucas possibilidades de trabalho. Uma dessas possibilidades tem sido, no setor de serviços, aqueles voltados para a oferta de serviços pessoais, de conservação e limpeza fornecidos pelas empresas prestadoras de serviços.

Conforme se pôde observar a partir desta pesquisa, na qual se entrevistou 100 homens com vínculos empregatícios nessas empresas, o nível de qualificação é baixo já que o nível de escolaridade também o é.

Com relação à hipótese referente às possíveis alterações em seu comportamento no tocante ao trabalho doméstico, percebeu-se, através de entrevistas e identificação das atividades cotidianas domésticas que, apesar de realizarem praticamente as mesmas tarefas nas empresas, eles permanecem pouco participantes no trabalho exigido em suas casas. Reconhecem que realizam o mesmo tipo de atividades nas empresas, mas poucos desqualificam ou se envergonham de seus trabalhos pelo fato de serem trabalhadores homens em tarefas tradicionalmente femininas. Para eles, trata-se de um trabalho qualquer e com garantias trabalhistas que não são cumpridas em outras atividades desqualificadas, principalmente no setor informal. Chama a atenção à ausência de treinamento visando assegurar o bom desempenho no trabalho. Os homens disseram ter grande facilidade na realização de suas tarefas, apesar de não existir, por parte dos mesmos, um treinamento, ainda que de maneira informal, através do trabalho doméstico, onde poucos, porém, não sabem em que se assenta essa facilidade. Em suas casas, restringem-se a desempenharem tarefas mais caracterizadas como masculinas como transporte de água, pequenos consertos, despejo do lixo, pagamento de contas. No imaginário masculino e feminino são as tarefas consideradas próprias dos homens em decorrência de sua força física e, ou, de seu maior nível de qualificação.

O trabalho doméstico (o fazer e determinar compras, cuidar da educação dos filhos, da cozinha, da limpeza da casa, das roupas, da organização do espaço doméstico, da destinação do lixo, dos pequenos consertos), constitui-se numa variedade de atividades voltadas para garantir

a reprodução de todo o grupo familiar e, através dele, a mulher cria valores de uso, ou seja, são produzidas para satisfazer as necessidades diretas de quem o produz e de sua família.

Já o mesmo trabalho realizado pelos homens, nas empresas, não é valores de uso e sim valores mercantis, pois não se destinam à satisfação imediata de quem o produziu, mas por um pagamento. Mas é exatamente por realizar-se fora de suas casas, nos espaços públicos, é que se torna socialmente valorizado mesmo em se tratando de atividades que exigem uma qualificação. Por isso não são identificados com o trabalho doméstico feminino. Conforme salienta Sarti (1983), o trabalho doméstico não está submetido às regras do mercado, apesar de garantir a reprodução de seus membros que vão atuar nesse mercado.

No processo de reestruturação produtiva, o deslocamento dos homens para atividades de outros setores que ainda absorvem mão-de-obra com baixos níveis de qualificação, como algumas áreas do setor de serviços, especificamente aquelas voltadas à limpeza e conservação, não significaram alterações no que diz respeito à sua inserção no trabalho doméstico. Apesar de nas empresas desempenharem tarefas consideradas femininas e similares às exigidas no espaço doméstico, a participação dos homens, neste espaço, está circunscrita às tarefas consideradas tradicionalmente femininas. Dessa forma, os homens que buscam esse tipo de atividade não consideram o trabalho que desenvolvem um trabalho feminino e exatamente por ser fora do âmbito da casa.

Os resultados desta pesquisa poderão ser utilizados como base de dados para futuras pesquisas que envolvam homens no trabalho doméstico no ambiente familiar. Poderão ainda contribuir para aprofundamento de algumas questões de gênero como também para orientação prática profissional.

O profissional de Economia Doméstica poderá contribuir com políticas públicas de treinamento junto às empresas, aos funcionários, proporcionando a eles um trabalho mais prazeroso e menos cansativo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, C. C. G. **Relações familiares, adolescência, gênero e representações sociais de adolescentes.** (Unicamp) Campinas, 1997. 2v. Tese (Doutorado em Educação).

ALMEIDA, M. V. **Gênero, masculinidade e poder:** revivendo um caso no sul de Portugal. In: Anuário Antropológico/95. Rio de Janeiro: Tempo, brasileiro, 1996 p.161-188.

BADINTER, E. **XY:** sobre a identidade masculina. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1993. 266p.

BLAIR, S.L.; LICHTER, D.T. Measuring the division of household labor. Gender segregation of housework among American couples. **Journal of Family Issues**, v.12. n. 1, p.91-113, 1991.

BOCK, G.; DUDEN, B. Labor of love – love as labor: on the genesis of housework in the west. *Development: seeds of change*. v.4, p. 6-13, 1984.

BRUSCHINI, M.C. **Mulher, casa e família:** cotidiano nas camadas médias paulistanas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Vértice, 1990. 222p.

BRUSCHINI, C.; RIDENTI, S. **Família, casa e trabalho.** 1994. p.30-36. Cadernos de Pesquisa, 88).

CEBOTAREV, E.A. A organização do tempo de atividades domésticas e não domésticas de mulheres camponesas na América Latina. In: AGUIAR, N.(Org.). **Mulheres na força de trabalho na América Latina:** análises qualitativas. Petrópolis: Vozes, 1984. p.45-73.

COSTA, R.S.S. et al. Trabalho doméstico: divisão das responsabilidades entre esposa, marido, e filhos, por área de atividades. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA DOMÉSTICA, & III ENCONTRO LATINO AMERICANO DE ECONOMIA DOMÉSTICA, 3., 1999, Recife. **Anais...** Recife. 1999. p.453-456.

DADOS: Revista de ciências sociais. Rio de Janeiro: IUPERJ, v.4, n.1, 1997. p.38

GALBRAITH, M.A **The economics & the public purpose**. Boston: Houghton Mifflin, 1973. 334p.

FIGUEREDO, J.K. O papel sócio-econômico das mulheres chefes de família numa comunidade no litoral norte da Bahia. **Cadernos de debate**, n. 16, p.35-78. 1994.

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M., MEDRADO, B., RIDENTI, G.(Org.). **Homens e masculinidades**. 34 ed. São Paulo: ECOS, 1998. p. 31-50.

GOLDANI, A.M. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Caderno de Pesquisa**, n.91, p.7-22, 1994

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios**. [1999]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

MRQUES, N.C.; CEBOTAREV, E.A. Economia e a economia familiar. In: I SIMPÓSIO EM ECONOMIA FAMILIAR: UMA OLHADA SOBRE A FAMÍLIA NOS ANOS 90, 1996, Viçosa, MG. **Anais...** Viçosa, MG: UFV, 1996. p.114-130.

MELLO, H.P. De criadas a trabalhadoras. *Estudos feministas*, v.6, n.2, p.323-357, 1998.

MONTALI, L. Arranjos familiares: o esforço coletivo para viver na grande São Paulo. **Caderno de Pesquisa**, n.72, p.58-59, 1990.

MONTALI, L. Família e trabalho na reestruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida. GT Família e Sociedade. In: XXII ENCONTRO ANUAL DA AMPOCS, 1998, Caxambu: 1998. p.2-27.

MORAIS, L.; ARAÚJO, L. Salário da mulher cresceu mais. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jul. 2000. *Caderno de Economia*, p.19.

PASSAOS, E.S. O movimento feminista e a s lutas por educação. In: SALES, C.M.V.; AMARAL, C.C.G.; ESMERALDO, G.G.L. (Org.). **Feminismo: memória e história**. Fortaleza: Imprensa Universitária. 2000. p.59-67.

PAGE, M.A. **Propuesta de um sistema de indicadores sociales de igualdad entre géneros**. Madrid: Instituto de la Mujer, 1994. 401p.

PERFIL de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 2000.

POCHMANN, M. **Mudanças na ocupação e a formação profissional**. Campinas – SP: 1998. 35p.

RAMOS, L.; SOARES, L. Participação da mulher na força de trabalho e pobreza no Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 15, n. 59, p. 84-96, 1995.

RIDENTI, S.G.U. A desigualdade de gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos. In: ARILHA, M.; MEDRADO, B.; RIDENTI, S.G.(Org.). **Homens e masculinidades**. 34 ed. São Paulo: ECOS, 1998. p. 163-184.

SALM C L. Vai ser difícil requalificar. **Boletim do Instituto de Economia Industrial**, UFRJ, 1997.

SARTI, C. A. Cotidiano feminino, lugar dos outros. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 7, 1983, Caxambu. **VII ENCONTRO ANUAL DA...** Caxambu: [s.n], 1983. 30p.

SILVA, A.I.O. Abelhinhas numa diligente colméia: domesticidade e imaginário feminino na década de cinquenta. In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (Org.). **Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina**. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais; Fundação Carlos Chagas, 1989. p.143-175.

SCOTT, J. **Gender and politics of history**. New York, Columbia: University Press, 1988. 242p.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: **Educação e Realidade**, v.16, n.2, p. 5-19, 1990.

TOULIATOS, T.W.; COMPNTON, N.H. **Research methods in human ecology home e economics**. Ames: Iowa State University Press, 1988. 556p.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

Pesquisa: Serviços Gerais e Trabalho Doméstico: Participação Masculina
Formulário de Entrevista de Trabalhadores de Empresas de Conservação e
Limpeza na Cidade de Fortaleza/CE

Nº do questionário: _____

Data de preenchimento: __/__/2000

A. IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: _____ anos

2. Tempo de casamento: _____ anos

3. Nível de Escolaridade: ()

1. Analfabeto/nenhuma escolaridade

2. Ensino fundamental incompleto: até as 4 primeiras séries
da 5ª à 8ª séries

3. Ensino fundamental completo

4. Ensino médio incompleto

5. Ensino médio completo

6. Ensino superior incompleto

7. Ensino superior completo

4. Nível de Renda Pessoal ()

1. até ½ salário mínimo

2. de meio a um salário mínimo

3. de um a dois salários mínimos

4. de dois a cinco salários mínimos

5. de cinco a dez salários mínimos

6. mais de dez salários mínimos

5. Renda

B) DADOS PROFISSIONAIS:

1. Local de trabalho:

2. Tempo na Firma: _____ anos

3. Atividade exercida atualmente:

4. Tempo neste tipo de atividade: _____ anos

5. Tem alguma qualificação/treinamento profissional? ()

1.Sim 2.Não

5.1 Se tem alguma qualificação/treinamento, qual?

6. Teve outros empregos anteriormente: () 1.Sim 2.Não

C. PERFIL FAMILIAR

1. Número de filhos por família ()

2. Escolaridade dos filhos

Especificações Membros da família	Analfabeto sem escolaridade	Ens. Fundam. 1 ^a a 4 ^a série	Ens. Fundam. 4 ^a a 8 ^a série	Ens. médio Incompleto	Ens. Médio completo	Ens. Superior incompleto	Ens. Superior completo

4. Renda familiar ()

1. até meio salário mínimo
2. de meio a um salário mínimo
3. de um a dois salários mínimos
4. de dois a cinco salários mínimos
5. de cinco a dez salários mínimos
6. mais de dez salários mínimos

D. PERFIL DA MULHER

1. Idade da mulher _____ anos

2. Profissão da mulher: _____

3. Exerce atividade profissional/remunerada: () 1.Sim 2.Não

Se exerce: esta atividade se realiza fora de casa? () 1.Sim 2. Não

Quantas horas ela ocupa por dia?horas

4. Rendimentos da mulher: ()

1. não tem rendimento
2. até meio salário mínimo
3. de meio a um salário mínimo
4. de um a dois salários mínimos
5. de dois a cinco salários mínimos
6. de cinco a dez salários mínimos
7. mais de dez salários mínimos

E. INFORMAÇÕES RELATIVAS ÀS ATIVIDADES PROFISSIONAIS:

1. Que tipo de influência teve para trabalhar nesta atividade? ()

1. porque gosto
2. tem amigos que já trabalhavam nessa área
3. tem amigos que já trabalhavam nessa firma
4. já desenvolvia esse tipo de trabalho em outra firma
5. não sabe fazer outra coisa/não tem nenhuma qualificação
6. precisava de um trabalho com carteira assinada
7. não conseguiu outro tipo de emprego

outro: _____

2. Que motivos levaram você a trabalhar nesta firma? ()

1. estava desempregado há muito tempo
2. precisava ganhar dinheiro de qualquer jeito
3. já trabalhava em outra firma deste tipo
4. tinha informações de que era uma boa firma
5. é a única área que estava oferecendo empregos
6. com a idade que tem não arruma coisa melhor
7. foi convidado
8. foi indicado por alguém

outro:

3. Você realiza suas tarefas: ()

1. com muita facilidade
2. com alguma facilidade
3. com alguma dificuldade
4. com muita dificuldade

Por que?

4. Liste as tarefas que executa cotidianamente no seu trabalho e classifique o grau de satisfação

TAREFAS	Muito satisfeito	Satisfeito	Pouco satisfeito	Insatisfeito

5. Pensando nesse conjunto de tarefas, você diria que ()

- 1.gosta do trabalho que faz, porque é um trabalho como outro qualquer
- 2.gosta do trabalho que faz mas preferia estar em outro tipo de atividade
- 3.gosta do trabalho que faz, porque é ele que garante sua sobrevivência e a da família
- 4.não gosta muito do trabalho que faz, mas não pode ficar sem emprego
- 5.não gosta muito do trabalho que faz, porque é muito cansativo
- 6.não gosta muito do trabalho que faz, porque é serviço de mulher
- 7.outra opinião:...

4. Em que esse trabalho é parecido com o trabalho doméstico?

5. Em que ele é diferente?

6. Se você acha que o trabalho que faz **é igual ou parecido** com o trabalho doméstico, como você se sente em relação a isto? ()

- 1.não liga nem um pouco; o importante é ter um emprego e um salário
 - 2.não vê nenhum problema em executar tarefas iguais às do trabalho da mulher
 - 3.não gosta muito de fazer trabalho de mulher, mas precisa do emprego
 - 4.se sente meio incomodado com isso, meio envergonhado diante dos amigos
 - 5.não gosta nem um pouco; preferia ter um trabalho mais masculino
- outra opinião:
-

F. INFORMAÇÕES RELATIVAS ÀS ATIVIDADES DOMÉSTICAS

1. Na sua casa você realiza normalmente algum trabalho doméstico?
(se a resposta for SIM, preencher o item 1.a e seus sub-itens, se a resposta for NÃO, pular para 1.b)

1.a. Sim ()

1. Porque gosta de ajudar à mulher
2. Porque é muito trabalho para a mulher fazer sozinha
3. Porque a mulher também trabalha fora
4. Porque a família é grande e todos ajudam em alguma coisa
5. Porque a mulher tem algum problema/alguma doença

Outro motivo:

- Qual (quais) o (s) trabalho (s) doméstico (s) que normalmente realiza em sua casa?

- Antes de trabalhar nesta empresa você já realizava algum trabalho doméstico? ()

1.Sim 2.Não

Por que?

- Você acha que realizar na empresa esse tipo de trabalho faz com que o homem se sinta mais à vontade para fazer o trabalho doméstico em casa?

() 1.Sim 2.Não

Por que?

- Se faz tarefa igual a que faz no trabalho, ou se já fazia antes:

1.b. Não ()

1. Porque não gosta do trabalho doméstico
2. Porque trabalho de casa é para a mulher
3. Porque não sabe fazer direito
4. Porque durante a semana o horário de trabalho não permite e no fim de semana tem que descansar
5. Porque durante a semana não dá tempo e no fim de semana tem outras coisas (bicos) para fazer e ganhar algum dinheiro

Outra explicação:

G. DIVISÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO

Especificações	Quem executa (definir o membro da família e ao lado, a periodicidade com que este membro executa)	Periodicidade de execução				
		Diariamente	Duas/três x p/semana	Semanalmente	Quinzenalmente	Raramente
Arrumar casa						
Cozinhar						
Lavar roupa						
Passar roupa						
Varrer quintal						
Lavar banheiro						
Arrumar cozinha/lavar louça						
Cuidar das crianças						
Cuidar dos idosos						
Despejar lixo						
Pequenos consertos na casa						
Apanhar água						
Levar/buscar crianças na escola						
Fazer compras						
Pagar contas						